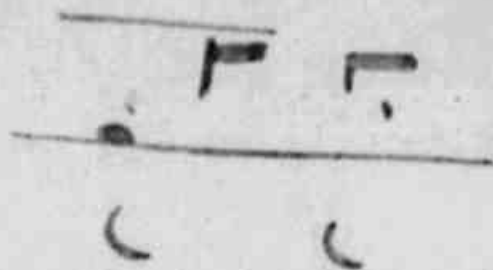
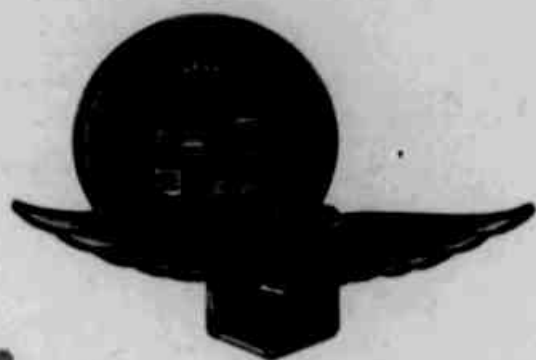
para todos...
ANNO XI NUM. 537
30 MARÇO 1929
PREÇO: 1$

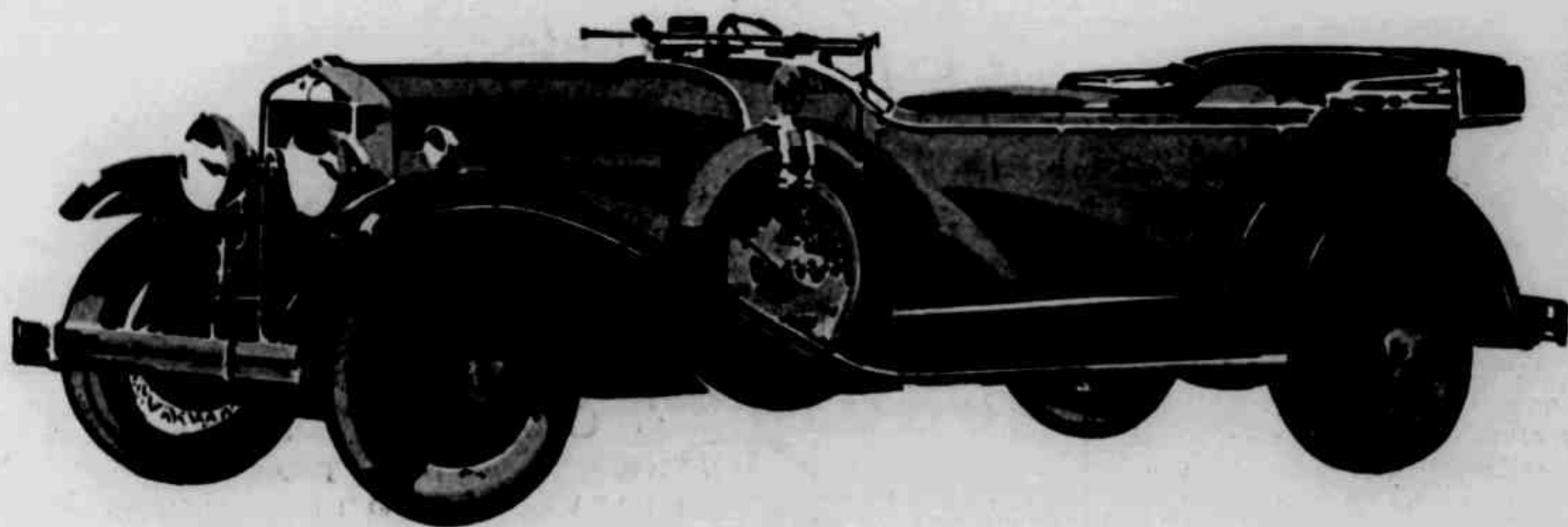
...e quando já estava 'promptinha' para o baile, dôr de dentes! —

Adeus sonhada noite de alegria!

Alguem, entretanto, lembrou-se da CAFIASPIRINA. Dois comprimidos, um copo com agua, cinco minutos, e... alliviada por completo!

O mais seguro que existe contra as dôres de cabeça, dentes e ouvido; nevralgias, enxaquecas, cólicas menstruaes; consequencias de tresnoitadas, excessos alcoolicos, etc.

Allivia rapidamente, restaura as forças e não affecta o coração nem os rins.

CADILLAC - LA SALLE

O automovel La Salle foi construido pela fabrica Cadillac para attender a insistentes reclamos da alta sociedade, que, havia muito, sonhava com o apparecimento de um carro de tão fino acabamento. Para os moços o La Salle tem attractivos especiaes na esbelteza de linhas e vivacidade de côres das luxuosas carrosserias.

GENERAL MOTORS OF BRAZIL, S. A.

CHEVROLET · PONTIAC · OLDSMOBILE · OAKLAND · BUICK · VAUXHALL · LA SALLE · CADILLAC · CAMINHÕES GMC

Na prisão

(AO ANOITECER)

E' a hora da melancolia ! O carrilão acaba de annunciar com o seu ultimo som as dezoito horas. Hora em que a tristeza pousa com a noite sobre a vida... E desce a sombra, como um sudario de chumbo, sobre a terra...

E na alma do homem, só, entre as paredes tristes, ha o éco da vida que tumultúa... O encarcerado é como um morto que sonhasse... Se o somno da morte tivesse sonhos seria o mais tenebroso, o maior dos supplicios... Por isso mesmo, como elle desejava sentir a sua volupia fria, a sua inconsciencia recompensadora !... Desejar é poder ? Se o suicidio não fosse tão ridiculo... Talvez... Mas, na Historia, não vê uma serie immensa de suicidas celebres que buscaram no mysterio negro o descanso para os seus tormentos desprezando a vida, a vida linda e alegre, cheios de poder e de fortuna, por menos do que se verem, vivendo fóra da vida ? Não passa pela sua memoria uma infinidade de nomes cujo prestigio faz com que acompanhe os seculos ? Simphonio Graccho, Calão de Utica, Temistocles, Socrates, Sofonisba, Annibal, Perseu, Marco Aurelio, Vetus, Prexaspedes, Tupá Inpanqui, Bruto, Cassio, Marco Antonio, Luiz da Baviera, Nero, Seneca, Burrho, Petronio, Sardanapalo, não eram reis e philosophos, poetas e guerreiros, cheios de gloria, poder e ventura e não abandonaram os encantos loucos da vida para mergulharem na simplicidade homogenea da tumba por si proprios ? E esses anonymos: bebedos e apaixonados, por dramaticidade não se matam pelas ruas, em plena liberdade ? Por que é que ha de um homem deixar-se julgar e subjugar, sem protesto, pela consciencia (?) de outros que têm as mesmas faltas, erros identicos e muitas vezes elles mesmos acumulados de falhas encarceram um outro por uma culpa que não é sua ? Mas a vida é assim...

Uma esperança brilha dentro do cerebro torturado do preso. Os sonhos crescem... E entre as paredes frias, indifferentes, elle crêa uma vida dentro de si mesmo com encantos maiores que os lá de fóra, crêa uma felicidade tão grande, tão linda... Uma felicidade como elle nunca sonhara...

O carrilão annuncia mais outra hora com badaladas esparsas... O torturado da esperança volta á sua miseria e de novo o cerebro pósa, a imaginação se apaga... Elle lembra com alegria que o somno da morte não tem sonhos... Mas, para que continue o seu supplicio, a sua desventura, a Esperança mostra-lhe que fóra daquellas paredes frias e indifferentes estão uma mulher que chora e espera, e umas creancinhas que brincam... brincam... brincam...

O preso baixa a cabeça tristissimo e espera que o carrilão annuncie muitas e muitas vezes mais esse tenebroso martyrio que é a hora da melancolia...

ORVACIO-SANTA MARINA.

QUANDO eu era estudante em S. Paulo, costumava passar os mezes de inverno no Rio, em casa de meu saudoso avô. Para o excellente velho, homem de virtude acolhedora e alegre, como para minha avó, senhora nervosa, enfermiça, mas de coração meigo e de uma candura de creança, aquellas minhas vindas periodicas constituiam uma especie de jubileu, no sentido dynamico da palavra.

Um verdadeiro programma de variedades na monotonia da solidão a dois, reduzidos ambos a repetir-se indefinidamente, por via de regra, nas proprias conversas, pois na sua idade viviam de pouco mais que reminiscencias, e já não lhes podiam interessar muito as miudas novidades do bairro e da excôrte. As visitas que appareciam de tarde, attrahidas pela bondade daquelle doce casal, particularmente mocinhas da visinhança, apenas traziam uma animação superficial e ephemera. E quanto aos amigos e ás amigas de todos os tempos, esses só podiam trazer, com tardo passo arrastado, o concurso da propria velhice, ás vezes achacosa e queixosa, outras vezes optimista, indulgente e galhofeira — sempre velhice, afinal...

Para todos...

Revista semanal, propriedade da S. Anonyma "O Malho". Directores Alvaro Moreyra e J. Carlos. Director-gerente Antonio A. de Souza e Silva.

Assignaturas: Brasil - 1 anno, 48$000. 6 mezes, 25$000. Extrangeiro - 1 anno, 85$000. 6 mezes, 45$000. As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e serão acceitas annual ou semestralmente. "Para todos"... apparece aos sabbados e publica, todos os annos, pelo Natal, uma edição extraordinaria.

Tio Cypriano

Assim, tudo na residencia dilecta tomava um ar de festa para me receber, a physionomia dos bons velhos, a mesa com um logar mais — entre os dois — na pequena sala de jantar toda florida, e o meu quarto, azul e branco, com a macia cama para os macios somnos, a escrivaninha para as locubrações literarias, algumas gravuras finas pelas paredes, alguns livros classicos de edições venerandas, esparsos pela estante. Sorria-me tambem, cam certa graça toda sua, o breve, mas delicioso jardim da frente. Sobre este podia debruçar-me da minha janella baixa, gozando em pleno rosto a caricia perfumada das madresilvas que revestiam a parede externa, o zumbido discreto, abafado, das abelhas que por entre a espessura das folhas se muniam de succos aromaes para o seu mel; alegrava-se-me a vista, pelos canteiros orlados de lustrosa grama, na diversidade das rosas, dos cravos, das gardenias, das violetas de Parma, das fucsias, das hortencias, que meu avô pessoalmente cultivava com carinho, amando unicamente as flores tradicionaes — as mais bellas sempre, dizia elle com justiça — e pouco o seduzindo as modernidades exoticas das exposições... Para além das grades, podia eu perfeitamente seguir o movimento, aliás bem restricto, das calçadas.

Que a casa, antigo predio de um só andar, sem duvida do periodo colonial no seu declinio, era numa rua ainda então pouco frequentada e meio rustica, de entre o Cattete e as Laranjeiras. As mais das moradias, geralmente silenciosas, salvo algumas escalas matinaes ao piano, escondiam-se timidas, por traz não só das arvores, mas de muros, e por entre ellas havia algumas hortas: lembra-me até ter ouvido murmurar com picante mysterio que, num chalet quasi defronte de nós, vivia um sujeito tão féro no ciume, que, quando sahia para a cidade, prendia a mulher, pelos cabellos, numa gaveta da commoda... Verdade ? lenda ? chronica, em todo o caso, daquella época remota, de outros costumes, de outro Rio...

Era ahi, pois, assim isolado do mundo, aquelle meu ninho de honesto e solicito affecto — ai ! destruido ha muito; e ainda estou a ver meu avô examinando com placida attenção os quatro cantos do quarto, interrompendo as exclamações joviaes com que me recebia: — "Estás crescido ! forte ! estás um homem !" — para perguntar se me faltava alguma coisa, sem cerimonias, e minha avó, pequenina, esguia, em movimento continuo de um movel para outro, certissima de que, mesmo havendo o necessario e o superfluo, ainda devia, por força, faltar alguma coisa... Bem pequeno e recolhido ninho: um cantinho, pensava eu sorrindo, da vasta "Macrobiópolis" fluminense; pois, além dos meus dois velhos, ahi estava a fiel criada, a tia Maria, uma africana alta, robusta, de lanosa e fôfa gaforinha côr de clara de ovo batida, que tinha oitenta annos, pelo menos: entre ella e os patrões, ahi me contemplavam dois bellos seculos: não eram os quarenta das Pyramides e de Napoleão, mas no Rio não ha Pyramides, e Napoleão não ha mais, nem no Rio, nem em parte alguma... E eu tão escandalosamente moço ! Oh ! bem pertinho, na esquina da rua do Ypiranga, tilintavam alacremente as campainhas dos bondes, e o escape era facil para os namoros de Botafogo e da Lapa, as flanações palavrosas da rua do Ouvidor, e todas as mais "actualidades palpitantes" da vida carioca...

Uma vez, chegando de S. Paulo, vi, ao descer do tilbury, no portão de casa, dois olhinhos agudos como verrumas, que me aguardavam alvoroçados: e logo com elles se me desenhou, esbatida, na escuridão da noite, pelo lampeão fronteiro, uma cara nova, aliás velhissima, e tão negra como a noite mesma. A cara abaixou-se para a minha mala, as mãos levantaram-na, e as pernas correram, coxeando desesperadamente, com a mala e o resto, pelo jardim a dentro. Emquanto meus avós me abraçavam e beijavam, suffocando-me com perguntas, e a tia Maria, mais duas mucamas, essas na flor da idade, me espreitavam do fundo do corredor, o preto que carregara a mala, arrimado á parede, fitava-me curioso, jocundo, humilde e terno, com os seus olhinhos agudos, e esperava naturalmente de mim uma primeira palavra de interesse e bondade. Era um tio baixinho, magrinho, todo enrugadinho, de cabellos tão brancos como os da tia Maria, e uma barbicha pontuda, que, com o nariz adunco e o sorriso malicioso, lhe dava um aspecto mephistophelico, mas docemente, inoffensivamente mephistophelico.

"Quem é este ?" — perguntei a meu avô.

Siô Cypriano, venha cumprimentar o senhor doutor !"

O bom homem, então, precipitou-se para mim, e curvando-se quasi até o chão, com os braços abertos, pendentes, e os pés que varriam o soalho na furia das reverencias, não sabia dizer senão: — "Si sinhô, siô dotô ! si sinhô, siô dotô !" — mas a expressão com que o dizia mostrava bem uma alma cheia de submissa dedicação e religiosa fidelidade.

Ao chá, meu avô contou-me que, mezes antes, uma noite, noite de trovoada e chuva torrencial, o pobre negro velho batera repentinamente ao portão do jardim, supplicando, com lagrimas e soluços, que lhe dessem agasalho, porque a familia do seu senhor tinha partido para a fazenda sem o prevenir, emquanto elle estava fóra de casa numa dansa de moçambiques, e o triste abandonado vagava havia tres dias pelas ruas, sem abrigo.

"Estava todo molhado, tiritava que fazia pena, — ajuntou minha avó, — mandei-lhe preparar uma cama, deixei-o ir ficando, vi que era uma excellente creatura, que me podia ajudar a tratar o jardim, e dei-lhe para morar a casinha lá de baixo, sabes? a casinha do quintal. Estamos muito contentes com elle. De longe em longe entorna um pouco, quando vae ás festas dos seus parceiros moçambiques; mas, com dormir algumas horas mais, passa-lhe a mona por si mesma. Travarás amanhã maior conhecimento com o nosso

homem! Agora vamo-nos deitar, que é tarde, e deves estar cansado da viagem".

Mais um cidadão de "Macróbiopolis" aqui, — pensava eu a sorrir, despedindo-me. Assim, está completo o quadrilatero, e pouco faltará para tres seculos.

Eu desde menino me interessei muito benevolamente pelos pobres pretos. Aquellas almas obscuras, rudimentares, sempre exerceram sobre mim especial attracção, semelhante, é certo, á que me chama para o estudo dos simples animaes: Deus sabe que sympathia me inspiram estes, postos, coitados! em um mundo que provavelmente comprehendem ainda menos que nós... Ha quem pense que convém envolver em absoluto silencio todas as memorias da escravidão, como se ella nunca tivesse existido em nossos lares. Eu entendo que a devemos recordar com emoção, com expiatoria e meritoria vergonha, que nos cumpre dar-lhe logar saliente na nossa literatura familiar, embalsamar piedosamente nas finas essencias da arte as dôres e as virtudes daquelles que, pela força, e não pelo direito, foram reduzidos a servir-nos, com o que resgataremos de algum modo as culpas dos nossos antepassados, e compensaremos, ainda que bem vagamente! o condemnavel abandono a que relegamos os negros, depois de nos termos "livrado delles" com a abolição...

Para todos...

Toda a correspondencia como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita por vale postal ou carta registrada com valor declarado) deve ser dirigida á Sociedade Anonyma "O Malho", 164, rua do Ouvidor, Rio de Janeiro. Endereço telegraphico O Malho-Rio. Telephones: Gerencia: Norte 5402. Escriptorio: Norte 5818. Annuncios: Norte 6131. Officinas: Villa 6247. Succursal em S. Paulo dirigida pelo Sr. Plinio Cavalcanti, rua Senador Feijó, 27, 8.° andar, salas 86 e 87.

Carlos Magalhães de Azeredo

O tio Cypriano, felizmente, já não era escravo. O 13 de Maio tornara-se pouco antes data historica. Assim como os soldados, os frades, todos os que desde muito se deshabituaram de viver por conta propria, elle se tinha, sem duvida, accommodado passivamente a cada nova situação da sua existencia, e a presente era por certo das melhores. E, entretanto, um vago sentimento estranho actuava nelle — se actuar não é termo inadequado a um sentimento sem o menor effeito pratico — a saudade da escravidão, a saudade da fazenda, da vida em commum, da propria mocidade, da sua gente, do seu meio, em summa... O tio Cypriano estava como um fructo — digamos, digamos para não ser poetica demais a comparação, um côco — arrancado da arvore; muito bem tratado, ao abrigo do vento e da chuva, protegido contra qualquer pancada ou empurrão hostil, mas, emfim, privado da seiva original do tronco, das raizes... Afóra isso, era felicissimo, e nada mais desejava emquanto Deus lhe deixasse folego.

Eu me affeiçoei logo ao curioso nonagenario; sim, elle attingira essa bella idade. Quando se lhe perguntava quantos annos tinha, respondia invariavelmente: — "Sessenta e meio!" —Mas "meio" queria dizer metade de sessenta. Nessa dilatada peregrinação terrestre, não vira, naturalmente, grandes coisas, nem muito variadas, que o seu rumo não fôra o das amplas e soberbas estradas abertas para vastos horizontes, mas o dos estreitos atalhos construidos entre sebes e muros; vira, porém, coisas que eu não conhecia, sabia contal-as a seu modo, com relevo, movimento, colorido, quasi diria eu com "estylo", e não temia condimental-as com o sal, e ás vezes a pimenta, de certa sua philosophia ingenuinamente desabusada, que era para mim um verdadeiro regalo. Assim, não hesito em confessal-o, sacrificava eu muitas vezes á sua "douta" conversação os namoros de Botafogo e da Lapa, as flanações palavrosas da rua do Ouvidor e todas as mais "actualidades palpitantes" da vida carioca... Devéras! quantos dias, depois do almoço, já vestido e enfeitado para ir á cidade, dizia a meu avô, que se demorava á mesa, absorvendo, gole a gole, a sua chicara de chá:

— "Vou dar dois dedos de prosa ao tio Cypriano..."

"Que mania tens tu — acudia minha avó, que era muito formalista, á maneira das antigas damas — que mania tens tu de chamar-lhe tio! um preto velho... ora!"

"Não faz mal, vóvó. Tio por parte de Cham, filho de Noé, do segundo chefe de nós todos... Estou com a Biblia, que não mente!"

Triumphante com o argumento sacro (desde que se tocava nos livros santos, a boa senhora impressionava-se), eu enfiava pelo longo corredor, que conduzia ao quintal dos fundos. Percebia logo a voz fanhosa do tio Cypriano a ralhar com a tia Maria porque o pirão não estava bastante duro — ponto em que era intransigente — ou a bolir com as duas mucamas que lhe respondiam entre frescas risadas, ou a conversar num dialecto mysterioso com o velho cão "Nilo", seu camarada diurno e nocturno, que, deitado a seus pés, o escutava muito attento, com o focinho erguido para a cabeça curva do africano. E a fumarada forte, revolta, do seu cachimbo (para o qual eu fornecia regularmente partidas de tabaco em rolo, do Pará) formava como uma cortina de nuvens entre o corredor e o quintal...

Este era pomar e horta; tinha de um lado canteiros de tenros legumes, por entre cuja verdura humida e gorda alguma grande abobora dourada amadurecia ao sol, e os tomates vermelhos pareciam estalar, de tão turgidos, sob a pelle fina; do outro lado, em torno ao largo tanque de granito, entreviam-se na espessura das folhagens varias, segundo a estação, laranja[illegible]tinas de sapotys, maracujás, ameixas do Canadá; e no fun[illegible] o seu do em parte o gallinheiro cercado de rêde metallica, [illegible]dia-se um renque de bananeiras, cujos leques molles e es[illegible]rapados se meneavam languidos ao vento, roçando os enormes corações bronzeos dos tinhorões, que lhes cresciam aos pés sobre o capim. De toda essa palheta vegetal o sol tirava maravilhosos effeitos de colorido, e a brisa extrahia perfumes doces, ou acres, ou densos e quasi pegajosos, de alecrim, de mangerona, de baunilha, de perrexil, hortelã, cominho, noz-moscada... Era uma delicia!

O tio Cypriano estava sentado na soleira da sua casinha, que consistia em um só quarto, com as paredes todas forradas, por seu cuidado artistico, de gravuras recortadas na "Illustration", no "Graphic", no "Novo Mundo"; divisava-se na penumbra a pequena cama, coberta com uma colcha de ramagem vermelha, e, pendurada, a sua roupa de mocambique para as dansas tradicionaes, na qual se atropellavam todas as côres possiveis e impossiveis. A um canto, pousava a sua ferramenta de jardineiro. Eu tomava logar junto do velho, num banco, e então começavam essas palestras desatadas, que me faziam esquecer o curso das horas.

Da beira do tanque, ás vezes, vinham cantigas a meia voz, e risadinhas abafadas, ou gargalhadas altas, phreneticas, quando as duas mucamas ali andavam lavando roupa. "Chó! chó! chó! araúna! não deixa ninguem te pegá!" — trauteavam ellas; ou então algum trecho da "Gran via", se não de "Dona Juanita"... Coplas, quasi todas, já nesse tempo antigas; as mucamas, que só iam passear aos domingos, em ronceiro bonde, não estavam como as de hoje, ao corrente das ultimas novidades em materia de cantigas. Mas que importa a idade da musica e da letra? Quem canta, seus males espanta"... seja embora com alguma barbara monodia vinda dos phenicios ou dos hebreus, atravez dos seculos, millenios.

Males? tel-os-iam ellas, as duas mucamas espevit[illegible] rescendentes a "agua de Florida"? Pareciam felizes, de elles

grande exuberancia de vida e saude. Malicia, sim, tinham muita; e quando, por acaso, desviando-se do tio Cypriano, meus olhos, distrahidos, iam a ellas, eil-as que se acotovelavam, cachinando á socapa, entrecerrando as palpebras, e apertando os hombros, com uma sonsice dengosa, e cheia de subentendidos, que me divertia. Mas, afinal, todo esse jogo de "bolir com o sinhô moço" acabava por enervar-me um pouco, e eu preferia as tardes em que, presas nos serviços interiores da casa, tanque e coradouro ficavam num silencio proprio. Então, podia escutar com toda a attenção o velho moçambique.

Elle contava-me a infancia nos areaes e mattagaes da Africa; a vida primitiva nas cabanas, a caça, a pesca, as sortidas de guerra, os ritos complexos e as ingenuas superstições... Tudo isso eu lêra em mais de um livro; mas exposto com grave desdem por gente de sobrecasaca, cheia de erudição e ideas preconcebidas. Narrados, refeitos e revividos pelo tio Cypriano, aquelles episodios eram realmente outra coisa... Ousarei dizer que, mais tarde, alguma vez me aconteceu lembrar-me delle, lendo a incomparavel autobiographia de Benevenuto Cellini, obra, como se sabe, menos escripta que dictada, "conversada", pelo singular artista. Devéras ! e não me assaltem os malignos cam facil galhofa Bem sei que o tio Cypriano não seria capaz de fundir o "Perseu", cidadão que conhecia ainda menos do que o mono de Lafontaine conhecia o "Pireu"... Bem sei que na sua loquella não brilhavam as galas do Renascimento, nem mesmo as da grammatica, mais accessiveis ás massas na nossa éra de democracia... Mas a vivacidade da memoria, o sentimento communicativo da realidade, o pittoresco das palavras e das imagens, as inflexões da voz, e, em especial, a gesticulação, não só da cabeça, dos braços e do torso, mas de cada um dos ...los faciaes ! tudo isso vibrava para uma espontanea intensidade ...ente estranha á nossa linguagem, ...nossas maneiras de pessoas "podadas" á ingleza, acuradamente, pela educação moderna.

Viera elle, ainda rapazinho, para o Brasil, em uma das tantas levas de negros daquelle tempo, de antes da nossa independencia. Lembrava-lhe bem o embarque na Costa, effectuado, ao que parece, sem tristeza nem consciencia do sombrio porvir, até com certa curiosidade infantilmente alvoroçada, entre a melopéa surda e, monotona de um canto ritual da "nação". O tio Cypriano esboçava ainda o motivo, sem notavel virtuosismo, mas com sufficiente clareza... O empilhamento da immensa turba nos porões, as trévas do antro horrivel, o calor suffocante, a escassez mephitica do ar, a fome e a sêde não raro, o escorbuto, as mortes durante a travessia, e os cadaveres em sanie apestando ainda mais a atmosphera, até que os lançavam no mar... todas essas coisas, ... manes dos loquazes philantropos daquella idade romantica ! eu as ouvi da bocca, imparcial e sem reproches vãos, ...gem no meio dellas fizera a sua ...eira viagem !

... chegada a nossas praias representava para os deportados uma verdadeira ...rtação. Depois daquelle durissimo ...viciado" dos porões, qualquer velleidade de revolta ficava destruida nos po... negros, e não havia situação, ao

PODE-SE CORAR O ROSTO SEM ROUGE ?

(Da Revista "Woman Beautiful")

Indubitavelmente, um pouco de côr nas faces senta bem a quasi todas as mulheres. Mas a cor natural é rara e facilmente desapparece por qualquer indisposição ou a menor fadiga. O rouge damnifica a cutis e além disso sempre se faz notar. Se as suas faces não são rosadas naturalmente, prove o effeito que lhes produz o carminol em pó: põe em um rosto pallido um delicado toque de cor que não se pode distinguir do natural. E' absolutamente inoffensivo para a cutis. Quasi todas as pharmacias e perfumarias podem vender-lhe um pouco de carminol em pó.

"ar livre", que lhes não parecesse tolerabilissima. A aprendizagem da escravidão era disposta com grande conhecimento, instinctivo e empyrico, da natureza humana...

O nosso amigo fôra, aliás, dos mais felizes. Passara os primeiros annos no Rio: comprado com outros, a boa senhora da casa para onde os levaram, achara-lhe graça, e á mãe; tomara-os ambos a seu serviço, uma de mucama, o outro de pagem. Ali tinha eu ante mim uma testemunha do alvorecer da nossa nacionalidade, quasi um "veterano" da historia patria. Sendo a casa no largo do Paço, vira elle passar muitas vezes na sua sége a enxundiosa majestade dom João VI, de "é rei nosso sinhô" e mais tarde, a cavallo, o esbelto e brilhante Pedro I, com os seus olhos que eram dois tições flammantes no rosto pallido de sonhador e libertino... Das acclamações e dos tumultos politicos não lhe ficára, é obvio, clara lembrança; por que para elle nada representavam; eram dansas sem musica.

"Tempo de muito baruio", resumia, na sua sapiencia rudimentar e cósmica...

Mas veiu a morrer a senhora, a mãe delle tambem, a casa desfez-se, a escravatura passou a novas vendas. E lá se foi elle, atirado á uma das nossas velhas fazendas, para os lados de Campos. Teve-a bem meio seculo por moradia, mas não ultima, que com a evolução da influencia agricola para a zona paulista, ainda para lá se mudou, acompanhando um ramo da familia do antigo senhor; e já maduro, mas sempre agil e robusto na sua seccura de bom lenho, ainda remexeu muita nova terra vermelha para o alinhamento de lustrosa folhagem bronzea...

Oh ! quadros varios, amplos, todos coloridos calidamente e movimentados, do nosso Brasil agricola anterior ás correntes da immigração italiana, que já tem dado tão diversa feição ! paysagens, costumes e scenas caracteristicas, extremamente pittorescas, sobre tudo da primeira fazenda, vasto dominio do periodo colonial, pertencente a uma verdadeira dynastia de fidalgos, regida a um tempo com criterios feudaes e instinctos patriarchaes, genuina côrte na roça pela elegancia de maneiras, nos donos e nos frequentes hospedes; terreno ou territorio fechado, onde poucas entradas, ou nenhumas, teriam os poderes publicos, mas quasi paraiso para a escravatura, que, muito numerosa, não se matava com o trabalho, e era generosamente admittida a partilhar as larguezas do orçamento domestico. Nos cafezaes paulistas, já era mais dura a vida, e cansativa, mesmo por que se tratava de desbravar mattarias virgens, e abrir lavouras novas sob as cinzas das monumentaes queimadas... Um e outro meio resaltavam rudemente das palavras do tio Cypriano, com os seus multiplos aspectos, de plantios e colheitas, bailes dos senhores e "cateretês" dos pretos por São João e pelo Natal, missas campaes, chrismas dos moleques uma vez que por lá passou um bispo, e confissões da negrada toda quando arribaram certos missionarios, benzeduras e feitiçarias, rivalidades e rixas por causa de raparigas novas, e amores, amores, muitos amores...

Eu, que desde então sentia com pezar as lacunas do meu "brasileirismo", por ter vivido em cidades mais ou menos cosmopolitas, sem aquelle contacto com a terra nativa, que nos imprime como um sello baptismal indispensavel, ouvia embevecido o velho africano, e, para aprender, cada vez mais, habilmente o interrogava, o guiava, o ajudava... Mas, a bem da justiça, devo ajuntar que, se agora, com toda a minha expediencia litteraria, quizesse reproduzir essas historias para os leitores, faria provavelmente assás triste figura, e ficaria muito abaixo do pobre tio Cypriano !

Direi que elle fôra valentão e brigador; e então a lucta leal de dois guapos paladinos fuscos, em honra da pardinha Jesuina ou da fula Brigida, não vale o combate de touros, talvez por motivos analogos, que attrahiu a penna de Virgilio, e outras pennas depois, e pinceis não menos illustres ? E fôra, evidentemente, grande, audaz e possante alliciador de mulheres o nosso homem...

Posto no caminho das revelações, o meu parceiro não parava mais. E, a seu modo, era um artista; juro, um artista ! Tinha lá nos sotãos do seu velho cere-

bro, uma galeria de figurinhas de ébano, de bronze, de terra cozida e de cêra virgem — taes as gradações da côr; e com delicadeza de mãos, com carinhos infinitos de gesto e de toque, as ia tirando de lá, uma a uma, para meu gosto e minha edificação.

Simples raparigas da roça, mucamas de estimação, ou desdenhadas servas entre a bronca turba das senzalas, pobres pequenas, que haviam tido, ao menos por breves annos, aquelles dons que até para os ricos, os potentes, os famosos, são os melhores da vida, a saude, a juventude, a agilidade dos pensamentos, a frescura do sangue, do sorriso e do olhar, a doçura da fala, e a vibrante alegria do canto — quem mais se lembrava dellas, pobres pequenas ? Mortas na maioria, sepultadas em covas á tôa, sem uma cruz, um signal qualquer de reconhecimento, nas quaes as tristes ossadas nem se distinguiriam dos de animaes succumbidos de fadiga, companheiros da despremiada labuta; e outras, peor ainda, envelhecidas, embrutecidas, feias, tão longe das suas ephemeras graças de moças...

Pois lembrava-as elle; e ellas resurgiam, resuscitavam todas, moças outra vez, esbeltas, appeteciveis, com seus vestidos de cassa e algodão riscado, de largos decotes, peitos e braços nús, modos bregeiros ou dengosos, pupillas picantes ou languidas, e cada uma se destacava do grupo, vinha por momentos a ribalta da saudade, com o seu nome, a sua physionomia, a sua alma dos "bons tempos"...

Oh ! que bellas e gostosas gargalhadas, a ouvil-o, naquellas tardes ! Esquecia-me, sinceramente, da rua do Ouvidor e dos seus incontestaveis encantos ! Deslisavam as horas, sorrateiras e despercebidas. Apenas me desviavam a attenção da conversa os raros movimentos do velho "Nilo" caçando as pulgas com os dentes, ou esfregando-as raivento na poeira do quintal, a fanfarra de uma gallinha annunciando orgulhosamente ao mundo a sahida de mais um ovo, ou os olhos curiosos e furões das jovens mucamas, que largavam um instante o serviço, para virem espiar com grande interesse, não sei se ao tio Cypriano, se a mim.

O sol ia retirando o seu sorriso aureo dos canteiros de tenros legumes, das arvores do pomar, das bordas do tanque, das bananeiras do fundo. O céo ruborisava-se, e lago depois empallidecia, como um rosto amoroso... Corria por todo elle um breve arrepio de sombra, e uma caricia leve de brisa, como fariam delicadas mãos sobre um longo teclado, roçava pelas folhagens, pelas hervinhas, pelas flores, que lhe respondiam com uma agradecida caricia de perfumes. As gallinhas, sentindo approximar-se o crepusculo, iam-se accommodando uma a uma no poleiro; o gallo, todo empertigado no seu flammante uniforme de pachá e de gendarme, vigiava, rondando por fóra da habitação, para que nenhuma das suas odaliscas sahisse mais...

De repente, rangiam as botinas de meu avô, no soalho do corredor, o seu rosto sereno, jovial, enquadrado de barba e cabellos branquissimos, apparecia ao vão de uma porta; e elle falava festivamente para o quintal:

"Então que é isso, Dom Carlos ? não foste á cidade ? até estas horas a perder tempo com esse tagarela ? E vosmecê, siô Cypriano, prendendo o senhor doutor com as suas baboseiras ?"

"Nam siô, meu sinhô, nam siô, meu sinhô..." — procurava explicar o bom preto, muito atrapalhado.

Mas meu avô concluia: "Vamos, dom Carlos: vá-se preparar, que o jantar está prompto".

O tio Cypriano, á espera do guizado e do pirão duro (cuidado com isso, tia Maria !) tornava a accender pela vigesima vez o cachimbo de barro, que picava com um pontinho muito rubro a escuridão do seu quarto; ou então, empunhando a fanhosa sanfona, donde extrahia, como preludio, meia duzia de resmungos entre somnolentos e lamentosos, punha-se a cantar alguma das suas predilectas cantigas, cheias de argucia e de sabedoria:

> Branco sabe lê,
> branco sabe crevê,
> mas branco nam sabe a hora
> em que ha de morrê...

Um dia, confabulando nós como de costume, reparei que elle tinha na pelle

das mãos e dos braços manchas brancas, falhas de pigmento, signaes de queimaduras profundas. Perguntei-lhe o que era aquillo, e elle, com a maior naturalidade deste mundo, contou-me o incendio que rebentara no paiol da fazenda, havia muito tempo, incendio repentino e voraz, que ia quasi custando a vida ao senhor moço Eduardo, então menino de uns dez annos, e depois, seu ultimo dono. O tio Cypriano precipitara-se no meio das chammas, queimando-se muito, e salvara o pequeno. Nessa mesma occasião ficara coxo, porque uma grossa trave despegando-se da parede, lhe resvalara obliquamente de encontro á perna esquerda. Eu estava a escutal-o maravilhado.

"E então — perguntei — esse senhor Eduardo é o mesmo que morava aqui na Gavea, e que deixou você no meio da rua quando se foi embora para São Paulo ?"

."E' elle mêmo, si sinhô, siô dotô Carro... Eu tava no baile de minha gente moçambique, e quando voltei p'ra casa, famia já tinha seguido..."

"Mas o senhor Eduardo não sabia onde era a festa dos moçambiques para avisar você ?"

"Nam sabia, nam, meu sinhô ! Como havera de sabê ?"

Fiquei embasbacado, abysmado, diante dessa ingenuidade firme e santissima, num preto dos mais intelligentes que eu conhecia.

"Que tal ! — exclamei, depois de um longo silencio. — E você gosta sempre muito do senhor Eduardo ? acha que elle é bom ?"

"To bom, si sinhô, siô dotô Carro... to bom !"

Fitei-o attentamente, buscando discernir se entre as commissuras dos seus beiços mephistophelicos, entre as innumeras rugas da sua velha cara, transparecia algum laivo de ironia acerba. Nada. Sómente, nos olhinhos miudos, entre as palpebras crestadas e vermelhas, apontavam timidamente duas lagrimas... De queixa ? não ! de ternura, de devoção, de saudade !

CONTRASTES DE PARIS

As mulheres elegantes do café de "La Paix" e as pobres mulheres que vão fazer compras na feira da rua "Lepic" em "Montmartre".

O menor e mais velho hotel parisiense na rua do "Chatquipèche" e Luteticia, a grande menagerie dos millionarios americanos em vilegiatura e que fica no novissimo boulevard Raspail. ....

VERSOS...

MARIA EUGENIA CELSO

MEUS versos — murmurou ella revolvendo demasiadamente o masso de papeis esparsos, — meus versos... ■ Não é que não gosto delles, não é que não lhes tenha esse entranhado, esse instinctivo amor do creador pela sua creatura, não é que muito vez não me tenham dado grandes satisfações de amor-proprio e proporcionando a satisfação maior ainda de traduzirem minha alma intraduzivel... ■ Não lhes renego nem os defeitos, nem as qualidades. ■ Não me quero fazer passar por diversa de todos os poetas da terra, apparentando pelos meus versos uma indifferença que não tenho. ■ Fragmentos do meu ser intimo, são-me caros como filhos. No emtanto... Não é propriamente a elles que responsabilizo pelo que não me deram. E' ao destino. ■ Sim, a ironia da sorte que nunca me permittiu servir-me delles para mim mesma... Vae comprehender. De uma feita, um collega a quem prezo, um poeta como eu, disse-me numa rajada de sinceridade, rarissima entre officiaes do mesmo officio: — "Gostei muito de uns versos seus sahidos em tal revista, gostei tanto que os levei a uma moça a quem os li..." Parou, hesitante, um reflexo de emoção nos olhos claros e, como não tinhamos intimidade, não proseguiu na confidencia. Não era preciso, porém, genialidade para adivinhar que essa moça era a moça do seu sonho... Levara-lhe os versos, falara por elles, tomara as expressões de minha alma afim de tocar o coração de que ambicionava a posse, confessara-se nelles. ■ Meus versos haviam servido para aclarar o caminho da ventura talvez, a dois seres a que a duvida, o acanhamento ou hesitação obscureciam o mutuo sentimento. Haviam servido... ■ Noutra occasião foi uma rapariga. Vinte e dois annos, vinte e quatro, no maximo. Veiu a mim com a face illuminada, num impulso de reconhecimento: — "Foram seus versos, — explicou erguendo para mim dois olhos de veneração — uns versos que eu cortára do jornal. Eu sempre fui muito reservada, nunca ousaria, passaria a vida sem ousar. Decorei logo estes versos, diziam tão bem o que eu sentia e não sabia dizer... Diziam-no melhor ainda!... ■ Um bello dia, criei coragem, como não havia quasi ninguem naquella reunião intima, recitei-os. ■ Recitei-os com toda minh'alma, recitei-os para elle, tremendo de medo que não comprehendesse... Só no fim, consegui olhal-o... Este olhar era uma offerta, a offerta do que diziam aquelles versos... Graças a Deus, comprehendera! Comprehendeu tão bem que hoje somos noivos. Já vê a senhora que foram osseus versos... seus versos que elle, tambem, já sabe de cór." Haviam de novo servido. meus versos. Tive um segundo de orgulho emocionado. Passou logo. Uma tristeza apertou-me o coração. Do que diziam meus versos, de toda a palpitação de sentimento que lhes constituem a surdina commovida do rythmo, outros amores se haviam victoriosamente aproveitado. Outros sêres tinham sabido tornal-os o talisman de sua felicidade... ■ Só para mim que os arrancára de mim mesma, candentes de intima emoção, para mim que os gerára na incerteza e na dor, para mim que os fizera, nada haviam feito... ■ Nunca tive a dita de os saber lidos pelos olhos a que foram destinados, nunca se me offereceu o ensejo de dizel-os, — eu que tão innumeras vezes os tenho dito!... — deante de quem com mais alma os diria... Não é, finalmente, um desconsolo?... Um desconsolo e uma injustiça. As famosas injustiças da sorte com as quaes a gente nunca se conforma. Para um poeta-mulher, e é isto que radicalmente nos differencia dos homens, terá sempre mais valor emocionar profundamente uma só pessoa do que impressionar uma grande multidão. Questão de temperamento... — Ou de vaidade. — Mas o que é a vaidade, ás vezes, senão um excesso de temperamento?..."

Dentro da Noite

ENTÃO causou sensação?

— Tanto mais quanto era inexplicavel. Tu amavas a Clotilde, não? Ella, coitadita! parecia louca por ti, e os paes estavam radiantes de alegria. De repente, subita transformação. Tu desappareces, a familia fecha os salões como se estivesse de luto pesado. Clotilde chora... Evidentemente havia um mysterio, uma dessas cousas capazes de fazer os espiritos imaginosos architectarem dramas horrendos. Por felicidade, o juizo geral é contra o teu procedimento.

— Contra mim?

— Podia ser contra a pureza da Clotilde. Graças aos deuses, porém, é contra ti. Eu mesmo concordaria com o Prates que te chama velhaco, se não viesse encontrar o nosso Rodolpho, agora, ás onze da noite, por tamanha intemperie mettido num trem de suburbio, com o ar desvairado...

— Eu tenho o ar desvairado?

— Absolutamente desvairado.

— Vê-se?

— E' claro. Pobre amigo! Então, soffreste muito? Conta lá. Estás pallido, suando apezar da temperatura fria, e com um olhar tão estranho, tão exquisito. Parece que bebeste e que choraste. Conta lá. Nunca pensei encontrar o Rodolpho Queiroz, o mais elegante artista desta terra, num trem de suburbio, ás onze horas de uma noite de temporal. E' curioso. Occultas os pezares nas mattas suburbanas? Estás a fazer passeios de vicio perigoso?

O trem rasgava a treva num silvo alanhante, e de novo cavalgava sobre os trilhos. Um sino enorme ia com elle badalando, e pelas portinholas do vagon viam-se, a marginar a estrada, as luzes das casas ainda abertas, os silvedos empapados d'agua e a chuva lastimavel a tecer o seu infindavel veu de lagrimas. Percebi então que o sujeito gordo da banqueta proxima — o que falava mais — dizia para o outro:

— Mas como tremes, creatura de Deus! Estás doente?

O outro sorriu desanimado.

— Não; estou nervoso, estou com a maldita crise. E como o gordo esperasse:

— Oh! meu caro, o Prates tem razão! E teve razão a familia de Clotilde e tens razão tu cujo olhar é de assustada piedade. Sou um miseravel desvairado, sou um infame desgraçado.

— Mas que é isto, Rodolpho?

— Que é isto! E' o fim, meu bom amigo, é o meu fim. Não ha quem não tenha o seu vicio, a sua tara, a sua brécha. Eu tenho um vicio que é positivamente a loucura. Luto, resisto, grito, debato-me, não quero, não quero, mas o vicio vem vindo a rir, toma-me a mão, faz-me inconsciente, apodera-se de mim. Estou com a crise. Lembras-te da Jeanne Dambreuil quando se picava com morphina? Lembras-te do João Guedes quando nos convidava para as "fumeries" d'opio? Sabiam ambos que acabavam a vida e não podiam resistir. Eu quero resistir e não posso. Estás a conversar com um homem que se sente doido.

— Tomas morphina, agora? Foi o desgosto de certo...

O rapaz que tinha o olhar desvairado perscrutou o vagon. Não havia ninguem mais — a não ser eu, e eu dormia profundamente... Elle então approximou-se do sujeito gordo, numa ancia de explicações.

— Foi de repente, Justino. Nunca pensei! Eu era um homem regular, de bons instinctos, com uma familia honesta. Ia casar com Clotilde sêr de bondade a que amava perdidamente. E uma noite estavamos no baile das Praxedes, quando a Clotilde appareceu decotada, com os braços nús. Que braços! Eram delicadissimos, de uma belleza ingenua e commovedora, meio infantil, meio mulher — a belleza dos braços das Oreadas pintadas por Boticelli, mixto de castidade mistica e de alegria pagã. Tive um estremecimento. Ciumes? Não. Era um estado que nunca se apossara de mim: a vontade de têl-os só para os meus olhos, de beijal-os, de acaricial-os, mas principalmente de fazel-os soffrer. Fui ao encontro da pobre rapariga, fazendo um enorme esforço; porque o meu desejo era agarrar-lhe os braços, sacudil-os, apertal-os com toda a força, fazer-lhes manchas negras, bem negras, ferilos... Por que? Não sei, nem eu mesmo sei — uma nevrose! Essa noite passei-a numa agitação incrivel. Mas contive-me. Contive-me dias, mezes, um longo tempo, com pavor do que poderia acontecer. O desejo, porém, ficou, cresceu, brotou, enraizou-se na minha pobre alma. No primeiro instante, a minha vontade era bater-lhe com pesos, brutalmente. Agora a grande vontade era de espetal-os, de enterrar-lhes longos alfinetes, de cozel-os devagarinho, a picadas. E junto de Clotilde, por mais compridas que trouxesse as mangas, eu via esses braços nús como na primeira noite, via a sua fórma gracil e suave, sentia a finura da pelle e imaginava o subito estremeção quando pudesse enterrar o primeiro alfinete, escolhia posições, compunha o prazer deante daquelle susto de carne que havia de sentir.

— Que horror!

— Afinal, uma outra vez, encontrei-a na "sauterie" da viscondessa de Lages, com um vestido em que as mangas eram de gaze. Os seus braços — oh! que braços, Justino, que braços! — estavam quasi nús. Quando Clotilde erguia-os, parecia uma nympha que fosse se metamorphoseando em anjo. No canto da varanda, entre as roseiras, ella disse-me: — "Rodolpho, que olhar o seu. Está zangado?" Não foi possivel reter o desejo que me punha a tremer, rangendo os dentes. — "Oh! não! fiz. Estou apenas com vontade de espetar este alfinete no seu braço". Sabes como é pura a Clotilde. A pobresita olhou-

me assustada, pensou, sorriu com tristeza: — "Se não quer que eu mostre os braços porque não me disse ha mais tempo, Rodolpho? Diga, é isso que o faz zangado?" — "E', é isso, Clotilde". E rindo — como esse riso devia parecer idiota! — continuei: "E' preciso pagar ao meu ciume a sua divida de sangue. Deixe espetar o al·nete". — "Está louco, Rodolpho?". — "Que tem?" — "Vae fazer-me doer". — "Não dóe". — "E o sangue?" — "Beberei essa gotta de sangue como a ambrosia do esquecimento". E dei por mim, quasi de joelhos, implorando, supplicando, inventando phrases, com um gosto de sangue na bocca e as fontes a bater, a bater... Clotilde por fim estava atordoada, vencida, não comprehendendo bem se devia ou não resistir. Ah! meu caro, as mulheres! Que estranho fundo de bondade, de submissão, de desejo, de dedicação inconsciente tem uma pobre menina! Ao cabo de um certo tempo, ella curvou a cabeça, murmurou num suspiro: "Bem, Rodolpho, faça... mas de vagar, Rodolpho! Ha de doer tanto!" E os seus dois braços tremiam.

Tirei da botoeira da casaca um alfinete, e nervoso, nervoso como se fosse amar pela primeira vez, escolhi o logar, passei a mão, senti a pelle macia e enterrei-o. Foi como se fisgasse uma pétala de camelia, mas deu-me um goso complexo de que participavam todos os meus sentidos. Ella teve um ah! de dôr, levou o lenço ao sitio picado, e disse, magoadamente:

— "Mau!"

Ah! Justino, não dormi. Deitado, a delicia daquella carne que soffrera por meu desejo, a sensação do aço afundando de vagar no braço da minha noiva, dava-me espasmos d'horror! Que prazer tremendo! E apertando os varões da cama, mordendo o travesseiro, eu tinha a certeza de que dentro de mim rebentara a molestia incuravel. Ao mesmo tempo que forçava o pensamento a dizer: nunca mais farei essa infamia! todos os meus nervos latejavam: voltas amanhã: tens que gosar de novo o supremo prazer! Era o delirio, era o meu horror...

Houve um silencio. O trem corria em plena tréva, acordando os campos com o desesperado badalar da machina. O sujeito gordo tirou a carteira e accendeu uma cigarreta.

— Caso muito interessante, Rodolpho. Não ha duvida que é uma degeneração sexual, mas o altruismo de S. Francisco de Assis tambem é degeneração e o amor de Santa Thereza não foi outra cousa. Sabes que Rousseau tinha pouco mais ou menos esse mal? E's mais um typo a enriquecer a serie enorme dos discipulos do marquez de Sade. Um homem de espirito já definiu o sadismo: a depravação intellectual do assassinato. E's um Jack hiper-civilisado, contentas-te com enterrar alfinetes nos braços. Não te assustes.

O outro resfolegava, com a cabeça entre as mãos. — Não rias, Justino. Estás a tecer paradoxos deante de uma creatura já do outro lado da vida normal. E' lugubre. — Então continuaste?

— Sim, continei, voltei, immediatamente. No dia seguinte, á noitinha, estava em casa de Clotilde, e com um desejo louco, desvairado. Nós conversavamos na sala de visitas. Os velhos ficavam por ali a montar guarda. Eu e a Clotilde iamos para o fundô, para o sophá. Logo ao entrar tive o instincto de que podia praticar a minha infamia na penumbra da sala, emquanto o pae conversasse. Estava tão agitado que o velho exclamou: — "Parece, Rodolpho, que vieste a correr para não perder a festa".

Eu estava louco, apenas. Não poderás nunca imaginar o cahos da minha alma naquelles momentos em que estive a seu lado no sophá, o maelstrom de angustias, de esforços, de desejos, a luta da razão e do mal, o mal que eu senti saltar-me á garganta, tomar-me a mão, ir agir, ir agir... Quando ao cabo de alguns minutos acariciei-lhe na sombra o braço, por cima da manga, numa caricia lenta que subia das mãos para os hombros, entre os dedos senti que já tinha o alfinete, o alfinete pavoroso. Então fechei os olhos, ecolhi-me, encolhi-me, e finquei.

Ella estremeu, suspirou. Eu tive logo um relaxamento de nervos, uma doce acalmia. Passara a crise com a satisfação, mas sobre os meus olhos os olhos de Clotilde se fixaram enormes e eu vi que ella descobria o seu infortunio e a minha infamia. Como era nobre, porém! Não disse uma palavra. Era a desgraça. Que se havia de fazer?...

Então depois, Justino, sabes? foi todo o dia. Não lhe via a carne mas sentia-a marcada, ferida. Cozi-lhe os braços! Por ultimo perguntava: — "Fez sangue, hontem?" E ella pallida e triste, num suspiro de rôla: Fez... "Pobre Clotilde!" A que ponto eu chegara, na necessidade de saber se doera bem, se ferira bem, se estragara bem! E no quarto, á noite, vinham-me grandes pavores subitos ao pensar no casamento porque sabia que se a tivesse toda havia de picar-lhe a carne virginal nos braços, no dorso, nos seios... Justino, que tristeza!...

De novo a voz calou-se O trem continuava aos solavancos na tempestade, e pareceu-me ouvir o rapaz soluçar. O outro porém estava interessado, e indagou:

— Mas então como te sahistes?

— Em um mez ella emmagreceu, perdeu as côres. Os seus dois olhos negros ardiam augmentados pelas olheiras roxas. Já não tinha risos. Quando eu chegva, fechava-se no quarto, no desejo de espaçar a hora do tormento. Era a mãe que a ia buscar. "Minha filha, o Rodolpho chegou. Avia-te". E ella de dentro: "Já vou, mãe". Que dôr eu tinha quando a via apparecer sem uma palavra! Sentava-se á janella, concertava as flôres da jarra, hesitava, até que sem forças vinha tombar a meu lado, no sophá, como esses pobres passaros que as serpentes fascinam. Afinal, ha dois mezes, uma creada viu-lhe os braços, deu o alarme. Clotilde foi interrogada, confessou tudo numa onda de soluços. Nessa mesma tarde recebi uma carta secca do velho pae desfazendo o compromisso e falando em crimes que estão com penas no codigo.

— E fugiste?

— Não fugi; rolei, perdi-me. Nada mais resta do antigo Rodolpho. Sou outro homem, tenho outra alma, outra voz, outras idéas. Assisto-me endoidecer. Perder a Clotilde foi para mim o sossobramento total. Para esquecel-a percorri os logares de má fama, aluguei por muito dinheiro a dôr das mulheres infames, frequentei alcouces. Até ahi o meu perfil foi dentro em pouco o terror. As mulheres apontavam-me a sorrir, mas um sorriso de medo, de horror.

A pedir, a rogar um instante de calma eu corria ás vezes ruas inteiras da Suburra, numa enxurrada de apodos. Esses entes querem apanhar do amante, soffrem lanhos na furia do amor, mas tremem de nojo assustados deante do sêr que pausadamente e sem colera lhes enterra alfinetes. Eu era ridiculo e pavoroso. Dei então para agir livremente, ao acaso, sem dar satisfações, nas desconhecidas. Góso agora nos tramways, nos music-halls, nos comboios dos caminhos de ferro, nas ruas. E' muito mais simples. Approximo-me, tomo posiçao, enterro sem dó o alfinete. Ellas gritam, ás vezes. Eu peço desculpa. Uma já me esbofeteou. Mas ninguem descobre se foi proposital. Gosto mais das magras, as que parecem doentes.

A voz do desvairado tornara-se metalica, outra. De novo porém a envolveu um tremor assustado.

— Quando te encontrei, Justino, vinha a acompanhar uma rapariga magrinha. Estou com a crise, estou... O teu pobre amigo está perdido, o teu pobre amigo vae ficar louco...

De repente, num entrechocar de todos os vagons, o comboio parou. Estavamos numa estação suja, illuminada vagamente. Dois ou tres empregados appareceram com lanternas rubras e verdes. Apitos trilaram. Nesse momento, uma menina loura com um guarda-chuva a pingar, appareceu, espiou o vagon, caminhou para outro, entrou. O rapaz poz-se de pé logo.

— Adeus.

— Saltas aqui?

— Salto.

— Mas que vaes fazer?

— Não posso, deixa-me! Adeus!

Sahiu, hesitou um instante. De novo os apitos trilaram. O trem teve um arranco. O rapaz apertou a cabeça com as duas mãos como se quizesse reter um irresistivel impulso. Houve um silvo.

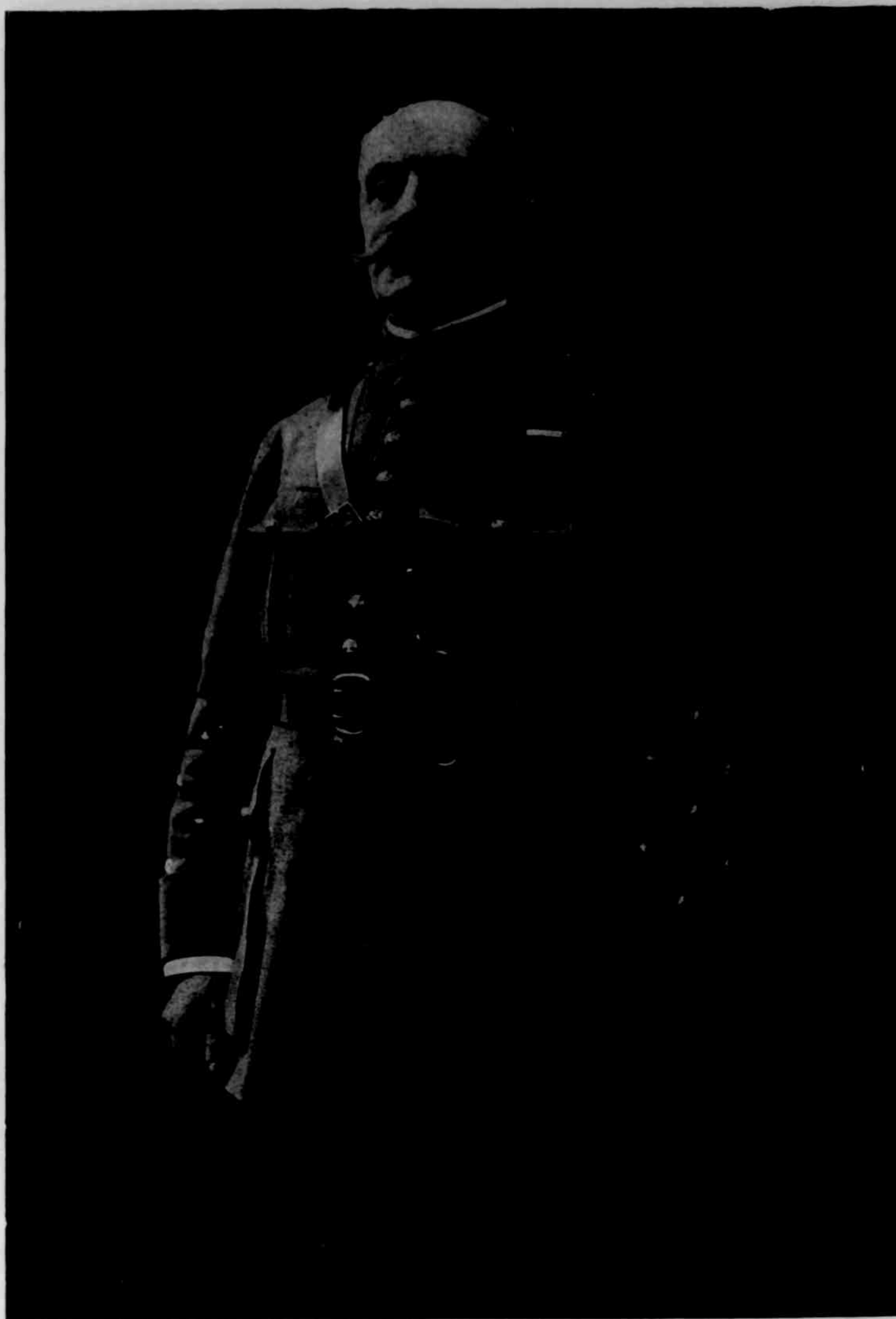
A enorme massa resfolegando rangeu por sobre os trilhos. O rapaz olhou para os lados, consultou a botoeira, correu para o vagon onde desapparecera a menina loura.

Logo o comboio partiu.

O homem gordo recolheu a sua curiosidade, mais pallido, fazendo subir a vidraça da janella. Depois estendeu-se na banqueta.

Eu estava incapaz de erguer-me, imaginando ouvir a cada instante um grito doloroso no outro vagon, no que estava a menina loura. Mas o comboio rasgara a treva com outro silvo, cavalgando os trilhos vertiginosamente. Através das vidraças molhadas viam-se numa correria fantastica as luzes das casas ainda abertas, as sebes empapadas d'agua sob a chuva torrencial.

E á frente, no alto da locomotiva, como o rebate do desespero, o enorme sino reboava, acordando a noite, enchendo a tréva de um clamor de desgraça e de delirio.

Tú passaste a sorrir para minha agonia...
Escancarei ao teu sorriso o olhar,
Como quem de uma casa erma e sombria
Abre as janellas para o sol entrar.
De onde viera, aonde iria
Esse alguem que passando, me sorria,
De um modo familiar?
Que importava saber... A alma sentia:
— Era esse alguem que, um dia,
Havia
De passar...
Eras alguem inevitavel, forte
(Inutil fôra resistencia oppôr);
Tinhas de vir, como ha de vir a morte,
Tinhas de vir, amôr!
Tu passaste a sorrir e não viste a tristeza
Alongando-te as mãos, través o meu olhar,
Ansiosa por conter nos pobres dedos presa
A esplendida riqueza
Dessa alegria que esbanjavas ao passar.
Mas talvez visse a minha alma núa
Sorrir, tambem, de uma maneira louca,
Mostrar-se toda pela minha bocca,
A' seducção da tua...
Mas talvez teu ouvido presentisse
Uma revelação
No meu labio, a sorrir, em lyrica doidice.
Por que não ha vocabulo no mundo
Que traduza a emoção
Desse estranho silencio de um segundo,
Em que as almas se dão.
Eras o homem que passa pela vida,
Como os navegadores pelo mar,
Alheio á lagrima vertida
Na saudade que alguem soffra ao vêl-o passar.
Eras o homem que passa,
E, por desgraça,
Que ansia de nos meus braços te guardar...
Tu passaste, a sorrir, por um momento,
Porém, nos longes do meu pensamento,
Creio que nunca mais termines de passar...
O' linda bocca de alegria rica,
De que mundo te veio o sorriso estellar?...
Por um motivo que se não explica,
O homem que passa é o que em saudade fica,
E' sempre o que a memoria ha de guardar!...

M a r e c h a l F o c h

Foi o chefe da victoria na guerra triste de 1914 a 1918. Viveu glorioso os seus ultimos annos. Era um soldado agil e intelligente. Era um homem bom e alegre. Soldado da França Homem da França.

Football

No campo do Flamengo, domingo, durante o encontro do seu team com o do Palestra, de São Paulo.

Instantaneos da partida que o Flamengo ganhou por 1 x 0

THEATRO

Annuncia-se que Olegario Marianno assigna o original de uma revista, a ser enscenada, breve, no Recreio. Ora, ainda bem! Toma o theatro ligeiro o caminho do exito verdadeiro, que já trilhou quando foi da primeira temporada da Trolóló, no Gloria, a que dois outros immortaes, Goulart de Andrade e Humberto de Campos emprestaram brilhante concurso, exemplo mais tarde seguido, com igual fulgor, por Alvaro Moreyra, o nosso talento literario mais difficil de interpretar, pelo tom ingenuo das suas deliciosas subtilezas.

Ha, de parte das empresas theatraes, clara prevenção contra os literatos. Entendem ellas que, sem chanchada, não ha revista possivel, por ser necessario agradar ao publico das torrinhas, que tem, nas asnidades e baboseiras, seu prato predilecto. Um intellectual que se preza nunca escreverá banalidades e idiotices, e assim, difficilmente servirá aos pobres de espirito, apoio, segundo as emprezas, do theatro nacional de revista...

Isso não é bem verdade. As empresas viciaram aquelle publico offerecendo-lhe, continuadamente, productos mais do que mediocres de mentalidades rasteiras. Têm, agora, de luctar contra o seu erro, têm de se entregar a um trabalho de reeducação facil, aliás, de levar a effeito, pela prodigiosa faculdade de assimilação da intelligencia brasileira, mesmo inculta. Não se deseja, é claro, que a revista se torne peça literaria. Ella poderá ser fabricada de accôrdo com os moldes actuaes. Sómente onde hajam dialogos e scenas parvas e vasias, o literato porá phrases de espirito ao alcance de todos, acção empolgante, comprehensivel das mais embotadas percepções. Não eram, acaso, vivamente applaudidos todas as noites os bellos versos de Olegario Marianno, exaltando o Brasil, declamados por Italia Fausta, na revista "Miss Brasil"? O publico gosta do que é bom, e mesmo que o das torrinhas prefira a parvoice, não é justo sacrificar o que occupa cadeiras, frisas e camarotes, á pretensa popularidade conseguida com o applauso dos falhos de cultura ou de intelligencia.

Não se deve a outra causa a quéda do theatro de revista, entre nós. Tenho dito e redito isso mil vezes. A orientação para baixo não póde ser senão má. Para cima é que se deve caminhar, e se houver um primeiro movimento de estranheza do publico, insista-se na nova directriz, que ella se imporá. Não é crivel que em uma cidade culta e progressista como o Rio de Janeiro, a ignorancia vença a sabedoria, a mediocridade supplante o genio.

Dona Amelia Rey Colaço e o actor Alvaro Benamor na peça "Romance", do repertorio que será apresentado no Lyrico pela companhia dirigida pelo senhor Robles Monteiro.

Faz bem a empreza do Recreio em levar á scena uma revista de Olegario Marianno. Augmenta e melhora, com isso, o seu publico, ao mesmo tempo que nos dá a certeza de que vamos ver e ouvir algo de novo. Acredito em um grande successo, senão de gargalhadas animalescas, de satisfação, contentamento e bom humor, que não faça o espectador lamentar o dinheiro mal gasto, á sahida, como tantas vezes tenho testemunhado depois de haver rido, e muito com as palhaçadas a que assistiu. E' legitimo, mais do que legitimo, o esforço realizado pelas emprezas para ganhar dinheiro. Mas é bem mais interessante ganhal-o honestamente.

MARIO NUNES.

A primeira peça apresentada pela Comnhia Roulien em São Paulo foi um delirio. Os jornaes disseram coisas notaveis sobre "O irresistivel Roberto", de Joracy Camargo e do director do elenco. Houve um tango "Chiquita". Roulien triumphou junto do seu publico. A segunda peça, arranjo de "Le Greluchon délicat", de Natanson, foi menos allucinante. Houve um tango tambem, mas já era conhecido. Todo mundo está esperando a terceira peça. E o terceiro tango.

No theatro São Pedro, que vae ser um dos theatros mais bonitos do mundo, estreará em fins de Novembro uma companhia dirigida pelo escriptor Marques Porto. Promette novidades sensacionaes. O futuro director de scena, actor João de Deus, já embarcou para a Europa, onde foi estudar a "mise-en-scène" moderna. O emprezario é o senhor Antonio Neves, o unico emprezario do Rio que acredita na gente nova. Por isso mesmo é o unico emprezario do Rio que está ganhando dinheiro.

Foi-se embora para sempre do theatro a interessante bailarina e violinista Norma Rouskaya. Enjoou.

O senhor Alberto de Queiroz, critico theatral, entrou para o elenco da Companhia Abigail Maia - Oduvaldo Vianna.

Nictheroy está na ponta. A Companhia de Sainetes da Empreza Paschoal Segreto deu o gosto do theatro aos nossos visinhos do outro lado da bahia. E agora, não ha espectaculo vasio na cidade do Club Central. Esteve lá a Zig-Zag, que depois falleceu no Rio. Esteve lá a Abigail Maia - Oduvaldo Vianna, antes de ir para Porto Alegre. E agora está Christiano de Souza com um grupo agradavel. E tambem Procopio Ferreira vae dar "matinées" lá.

Uma noticia que só seria possivel no Districto Federal com um Prefeito civilisado como o Prefeito Antonio Prado Junior. Di Cavalcanti vae decorar o Theatro São Pedro. O pintor differente tinha que ser o escolhido para animar as paredes da casa de architectura moderna que substitue no Largo do Rocio o velho predio cheio de cupim e de tradições de incendios...

O Theatro no Japão

Explicar o que é o drama classico japonez não é facil, como talvez aquelles que nada sabem do theatro desse povo tão diverso dos outros. Fazer o seu historico com todos os detalhes ou dar apenas uma noção geral é peor do que nada dizer. Para que se possa comprehender o que é essa arte antiquada e bizarra é preciso entrar em contacto directo com o palco, com os actores e com as peças sem uma palavra de explicação.

Tokio e Osaka são ha muitos seculos os dois centros principaes; Tokio, séde do governo, centro; portanto da politica, da rultura, da arte, tem tambem maior numero de theatros e de artistas de primeira ordem do que sua rival Osaka.

Dois theatros sobresaem dos outros e rivalisam entre si: o Theatro Imperial e o "Kabukiza" (Theatro Kabuki). O Imperial possue Companhia propria que não representa em outros theatros; como, porém, no mez de Março não se ia representar dramas classicos do genero "kabuki" a Companhia "Sawada Shojiro", uma das mais populares e queridas, deu ahi uma serie de espectaculos. Em Março tambem no Theatro Kabuki representaram duas companhias ao mesmo tempo, a desse theatro e a de "Kikugoro" que goza de muita fama.

Podemos dividir os actores japonezes em dois grandes grupos: os de Tokio e os de Osaka. Entre os desta ultima cidade pódem ser citados: "Ganjiro" em primeiro logar, "Enjaku" e outros como "Fukusaki", "Kwaiska", "Gado", "Jusaburo", etc.

O grupo de Tokio, subdivide-se em tres: 1—os que representam o "drama classico" (Kabuki); 2—o "drama moderno" (Shimpa); 3—o "drama futurista" que principia a se libertar da influencia occidental. O repertorio deste ultimo grupo é composto na sua maioria de peças russas, inglezas, irlandezas, francezas e allemães.

Kabukiza, o maior theatro do Japão Foi construido depois do terremoto.

O espectaculo começa ás tres e meia da tarde. O Theatro Kabuki, situado perto de Ginza, a rua de maior movimento, é de uma architectura estranha, meio japonez, meio europeu, tendo sido construido depois do grande terremoto de 1923.

Theatro Imperial de Tokio

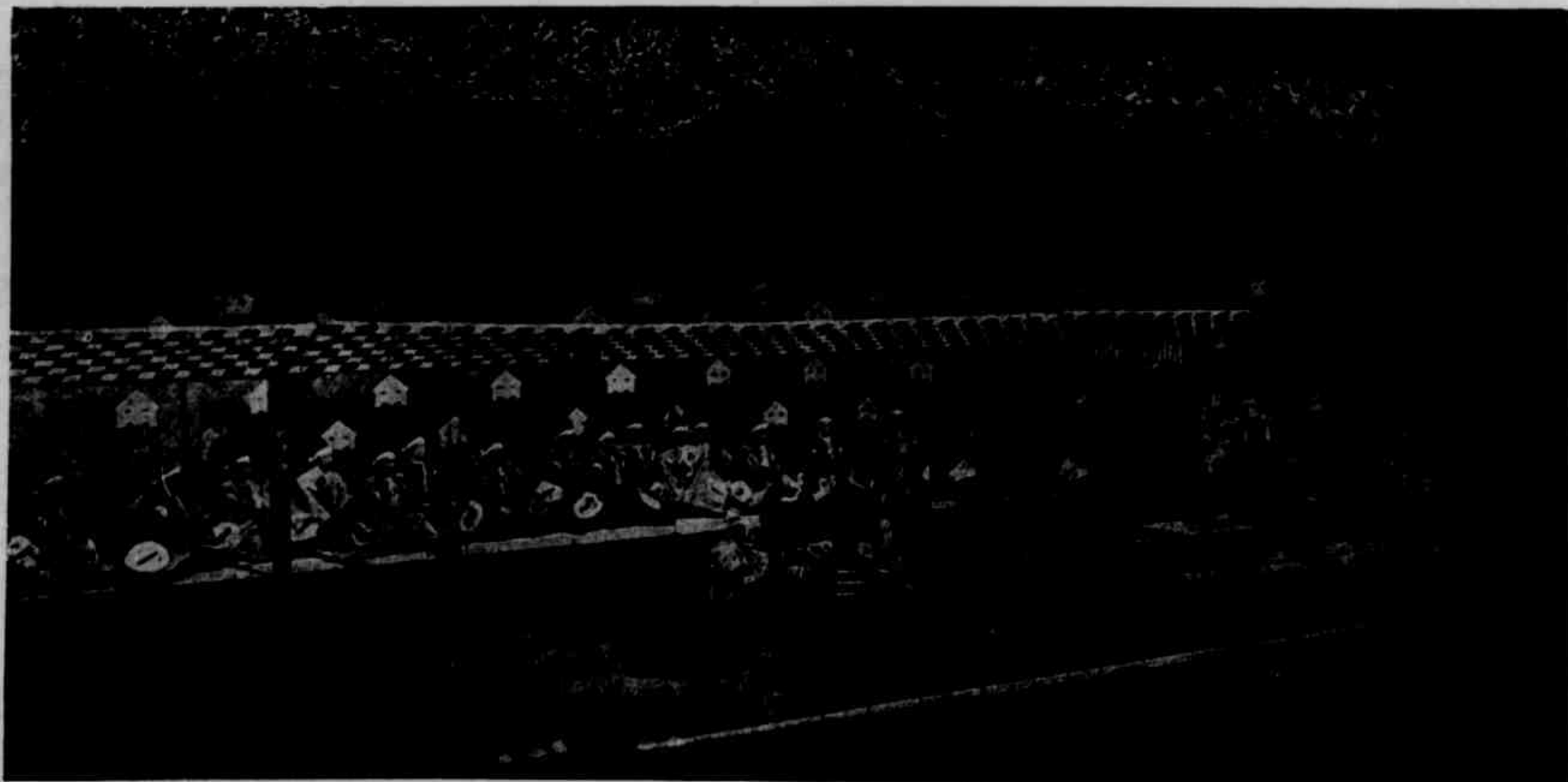
O drama, em um acto chama-se: "Soga no Taimen" (Os irmãos Soga encontram o inimigo de sua familia).

O enredo é tirado de uma velha lenda do tempo de "Njinamoto-no-Yoritomo", 730 annos atraz. E' a historia de vingança mais antiga do Japão: dois irmãos que depois de 18 annos de pesquisas e luctas encontraram finalmente aquelle que havia assassinado seu pae, no apogeu do poder e favorito do rei. O mais velho dos irmãos, chama-se "Juro" e o mais moço "Goro"; Juro é calmo e reflectido; Goro é exaltado. Quando os dois, auxiliados por um amigo, chegam junto a "Suketsune" (o assassino) este está justamente commemorando a sua elevação com um grande banquete. Os irmãos vão para matal-o, elle porém diz-lhes que foi nomeado organizador de uma grande caçada e não póde dar satisfação a interesses pessoaes emquanto não cumprir a sua missão; marca-lhes um encontro nessa caçada, e ahi poderão realizar o seu intento. Cae o panno. Quando de novo se levanta, os personagens estão divididos em dois campos, um por Suketsune, outro pelos dois irmãos; todos de pé, com as suas vestes mais ricas, formam um quadro maravilhoso; o panno cae e assim termina o drama.

Este drama é representado ha 243 annos, sempre no principio do anno. Já é uma tradição! E para o publico não ficar enfastiado de ver sempre a mesma coisa no mesmo theatro e na mesma época, fazem ligeira modificação no enredo, conservando, porém, o mesmo titulo.

Para nós occidentaes, parece quasi impossivel que um drama como o que acabamos de descrever faça successo e agrade, a ponto de ser representado annos e annos a fio! Não é propriamente uma peça sob

(Conclue na pagina n. 44)

Scena de "Soga no Taimen", o mais velho dos dramas classicos, representado pela "troupe" do Kabukiza

O PREÇO DE UMA CORDA

JUDAS — Mas eu só tenho trinta dinheiros.

O NEGOCIANTE — Isso não importa. O senhor deixa os trinta dinheiros e assigna umas duplicatas.

VICTORIA por HAMSUM

O pedagogo ,chegando-se bruscamente junto de Jogann, disse-lhe:

— Victoria morreu!

Jogann, cego de dor, estendeu as mãos, como para defender-se de alguem.

— Morreu?! Quando, quando morreu ?

— Hoje, pela manhã.

O professor tirou do bolso uma volumosa carta, dizendo:

— Victoria me pediu que, depois de sua m o r t e, depositasse isto em suas mãos... E como ella já não existe, apresso-me em dar cumprimento ao seu pedido... Fica, pois, assim, terminada a minha missão, cavalheiro!

E sem articular mais palavra, o velho professor afastou-se lentamente, desapparecendo em seguida.

Jogann ficon como petrificado, no meio da rua, com a carta na mão.

Victoria morrera...

A voz rouca e brusca, Jogann pronunciou o nome de Victoria repetidas vezes. Depois olhou a letra da carta. Era, com effeito, a sua letra, aquella letrinha fina e egual. Jogann subiu a escada, tirou a chave do bolso e abriu a porta de casa. A sombra e o frio reinavam ali. Sentou-se junto á janella, e, á ultima luz do dia, leu a carta de Victoria.

"Querido Jogann — dizia-lhe a morta: — Quando você lêr esta carta, eu já não estarei mais nesta terra. Vejo tudo sob um prisma novo: como se nada se houvera passado entre nós. Por me não haver chamado Deus em seu reino, teria eu sabido soffrer dia e noite, sem te escrever nunca. Mas agora que vou abandonar o mundo, penso de outra maneira. Em pleno baile fui acommettida de uma hemoptyse. O medico me assegura que me não resta mais que um pedacito de pulmão. De que me posso envergonhar? Fui para o leito e, nelle, me puz a recordar as ultimas palavras que te disse no bosque, á ultima vez que nos vimos. Se eu advinhára que não tornaria a te falar outra vez, já nos tinhamos despedido. Nunca mais te verei e lamento me não haver prostrado á tua frente, confessando-te que te amava. Se por um milagre, que não espero, ficasse boa, voltaria ao logar onde nos encontrámos, onde me t o m a s t e das mãos. Ali, me arrastaria pelo chão á procura do teu rastro, para beijal-o! Mas, o milagre da minha cura, só o espera minha mãe. Não é um absurdo, querido Jogann, eu ter vindo ao mundo só para amar e morrer?... Tu não sabes como é horrivel a gente esperar, no leito, a hora da morte! Sinto que me extingo, pouco a pouco, que me afasto da terra, de todos, do barulho... Provavelmente já não assistirei á entrada do Inverno.

Mas as casas e as flores dos jardins continuarão a existir.

Hoje, me foi permittido sentar-me no leito e olhar a rua pela janella. Dois homens se encontraram á esquina, cumprimentaram-se, apertaram-se as mãos e riram-se de alguma coisa que disse um delles. Esses homens, pensei, não sabem que estou aqui á espera da morte. Se o soubessem, fariam o mesmo que estou fazendo... Hontem, á noite, quando me rodeavam as trevas, meu coração cessou de bater, e pareceu-me ouvir os passos da Eternidade.

Pouco depois, voltei á consciencia, e comecei a respirar de novo. Foi uma sensação estranha. Minha mãe me disse que eu estava sonhando com o rio e a cascata da nos-

sa casa. E' preciso, porém, que tu saibas, Jogann, quanto te amei: não te pude fazer comprehendel-o, porque a isso me impediram varias causas, entre as quaes, o meu caracter. A desgraça atirou-se contra meu pae... E eu era sua filha. Mas hoje que vou morrer e que já é tarde para tudo, escrevo-te pela ultima vez, fazendo-te a minha confissão.

Pergunto-me, agora: para que servem estas confissões, quando estou para morrer e quando isto te deve ser indifferente? Mas... E' que desejo estar perto de ti até ao ultimo instante, para me não sentir abandonada. Imagino-te lendo esta carta. Parece-me que te vejo a attitude, os braços, os hombros. E creio estarmos um ao lado do outro.

Não me atrevo a te chamar, não me assiste este direito. Minha mãe, porém, quiz fazel-o, ha dois dias. Mas eu prefiro escrever-te. Ademais, que conserves de mim a recordação do que fui antes de adoecer. Tenho presente o que tu... (ha aqui algumas palavras borradas)... Meus olhos, minhas sobrancelhas... tudo mudou.

Eis a razão por que me oppuz viesses me vêr. Talvez esteja como dantes, só um pouco mais pallida. Irei vestida toda de creme. Varias vezes hei começado esta carta. Nella, entretanto, não digo a millesima parte do que desejaria dizer-te. Tenho tanto medo de morrer. Desejo de toda minha alma viver até que venha a Primavera. Os dias se tornarão claros e as arvores vestidas da sua "toilette" verde. Ah, se me tornasse a saude! Queria viver ao ar livre, acariciar até as pedras e ser boa para todos! Ah, se eu pudesse viver, fosse como fosse, mas viver ao menos! Não me queixaria de nada, sorriria até a quem me maltratasse, seria toda gratidão para Deus e lhe cantaria sempre a gloria! Ah!, se Deus me deixasse viver!... Se tu soubesses como o desejo, tu farias alguma coisa para salvar-me. Mas nada poderás.

Entretanto, se me afigura que se tu e o mundo inteiro pedissem por mim, Deus não me tiraria a vida. Oh, como eu saberia agradecer esse bem, e que boa eu seria! Minha mãe chora e chorou toda esta noite. Isto me consola. Suas lagrimas minoram a dor de minha partida. Uma idéa me fez hoje feliz por um momento. Se eu me chegasse a ti, um dia, toda vestida de branco, e em vez de dirigir-te palavras bruscas te désse uma rosa comprada para esse unico fim, que farias tu? Nada disto poderei eu fazer, porque jamais ficarei boa. Choro seguidamente, e choro silenciosamente, mansamente, porque quando soluço me dóe o peito.

Jogann, meu amigo, meu bem amado, sonha commigo quando a tarde cahir. Não chorarei então, dormirei o melhor que possa, porque tu me trarás a alegria. Onde estão meu orgulho e meu valor? Já não sou a filha de meu pae... Faltam-me as forças. Tenho soffrido tanto! Mas não precisamente agora. Quando estavas no estrangeiro, depois quando voltaste... Nunca imaginei que uma noite pudesse ser tão grande... Vite duas vezes apenas: uma dellas passaste ao meu lado assobiando uma ária popular. Esperava tornar a vêr-te em casa da familia Seier. Não me cheguei a ti, nem te falei, mas dei graças por ter te visto. Sim, Jogann, eu te amava! Tu eras a minha vida. E' preciso que te diga adeus. A noite já correu o seu velario. Quando principiar a alçar o vôo á Eternidade, pronunciarei teu nome, para me ir com elle entre os labios. Que tu sejas feliz sempre.

Perdôa-me o mal que te fiz. Peço-te daqui, porque me não é permittido pedir-te aos teus pés. Peço-t'o, entretanto, com toda minha alma. Que tu sejas feliz, Jogann, e adeus para sempre. Obrigada, obrigada. Não posso mais.

VICTORIA.

P. S. — Acabam de trazer a lampada. Sonhava que estava mui longe da terra. Ouvia uma musica e tudo era luz derredor de mim.
O medo já me não aterroriza. Minha alma é toda gratidão, mas me faltam forças para proseguir, escrevendo. Adeus, meu bem amado!"

ROBERTO RODRIGUES ILLUSTROU

Vista geral do aterro da Gloria

Onde foi o Morro do Castello

No estadio do Fluminense, domingo, quando foi eleita a representante da terra carioca para o concurso de Miss Brasil.

Miss Rio de Janeiro é a senhorita Olga Bergamini de Sá. 2º, 3º e 4º logares: senhoritas Consuelo Galvão, Ruth da Gama e Silva, e Laura Suarez.

Carmen Guzzi, em pé
Mimi Marracini, sentada

Elza Amor que foi classificada em segundo logar

As vencedoras entre as outras concorrentes

Maria Conzo

As mais bellas de São Paulo

As vinte e cinco mais vo

Giovanna Rossi

Yvonne Freitas, de Barretos, eleita Miss São Paulo

O senhor Ibrahim Nobre apresentando as vencedoras

As duas vencedoras

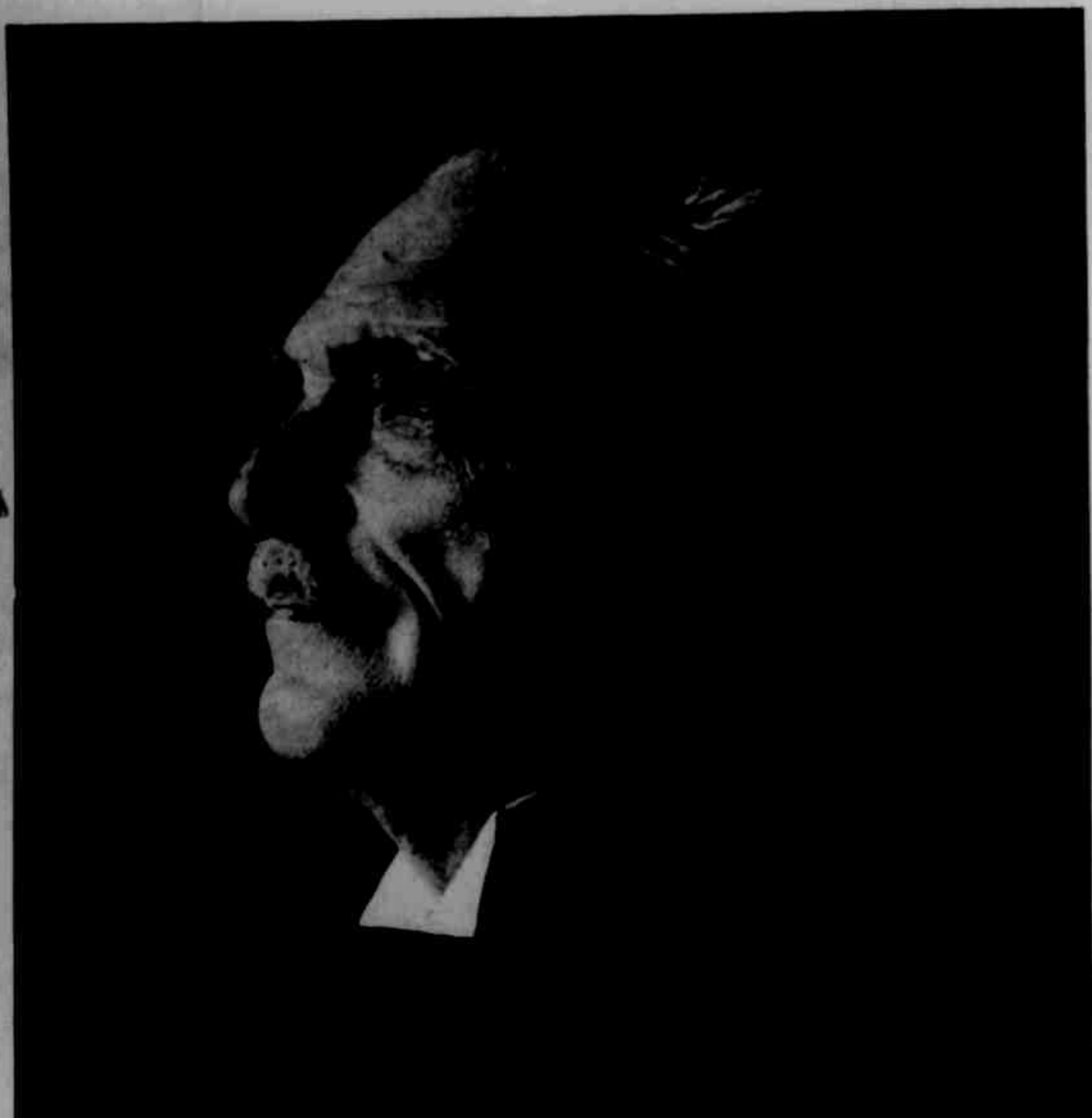
O final do concurso da "Gazeta"

.adas de todo o Estado

EM CIMA : PANORAMA DO VALLE DO ANHANGABAHU' COM O MONUMENTO A CARLOS GOMES — O THEATRO MUNICIPAL E O VIADUCTO DO CHA' ::

SÃO P

P A U L O

EM BAIXO: VISTA TOMADA PARA OS LADOS DOS CAMPOS ELYSEOS — UM ASPECTO DO CENTRO DA CIDADE — VISTA TOMADA PARA OS LADOS DA AVENIDA CARLOS :: :: DE CAMPOS :: ::

Dezembargador Pedro Francelino Guimarães, que hontem completou cincoenta annos de judicatura e recebeu manifestações carinhosas de todo o povo carioca. Na sala dos Passos Perdidos, do Palacio da Justiça, será inaugurada terça-feira da semana que vem uma placa de bronze em homenagem ao Dezembargador Pedro Francelino Guimarães.

Em baixo, almoço offerecido aos professores Vicente Licinio Cardoso e Ignacio do Amaral pelo exito da excursão que realizaram propagando idéas modernas em pról da instrucção publica no Brasil.

m a r i p á

povoado de uma praça só
com uma igreja que é um dado

um cruzeiro que abençoa a gente

e dois angulos de anjinhos de casas
de joão de barros e mais nada

o vento pato d'agua
passa á caminho dos açudes

o sol velho chúchú mumificado
engasga os pirús das madrugadas

cada cobra pela redondeza
é um tremzinho de carga que apita ás
vezes

as porteiras cantam mais
que os carros de bois e os passarinhos

as borboletas são cascos de animaes

maripá é a pia baptismal
mais bonita de minas

á cada baptisado
o sol então é um foguete

alberto dézon

A bordo do hiate "Sumar", quando o senhor Antonio Prado Junior, Prefeito do Districto Federal, lá esteve a convite do millionario norte-americano David Whitney, dono do lindo bangalô fluctuante. Em cima, a senhora Whitney com as suas convidadas. A' direita, o casal David Whitney. Em baixo, o senhor Antonio Prado Junior com o senhor David Whitney, sua senhora e senhoras, senhoritas e senhores que acompanharam o Prefeito na visita áquella casa onde não entram mosquitos nem jornaes...

POR·TER·ELLE·POSTO·OS·O-
LHOS·NA·BAIXEZA·DE·SUA·ESCRA
VA·PORQUE·EIS·AHI·DE·HOJE·US
EM·DEANTE·ME·CHAMARÃO·BEM
AVENTURADA

EU·SOU·O·PÃO·DA·VIDA·O
QUE·VEM·A·MIM·NÃO·TERÁ
JAMAIS·FOME·E·O·QUE·US
CRE·EM·MIM·NÃO·TERÁ·JA
MAIS·SEDE

E·JACOB·GEROU·A
JOSÉ·ESPOSO·DE
MARIA
DA·QUAL·NASCEU
JESUS
QUE·SE·CHAMA
CHRISTO

SACRA FAMILIA

ARTE CHRISTÃ

BELLAS ARTES

Em cima :

"Sacra-Familia", baixo-relevo de Adalberto Mattos — tamanho natural.

Em baixo :

Desenhos hollandezes mostrando phases da vida de Christo.

MATER DOLOROSA

Quadro de Pedro Americo

A VIAGEM

Gastão Cruls

Um dia, á força de ouvir falar no Velho Mundo, o homem de fraque, de annel symbolico e de guarda-chuva de cabo de ouro, resolveu visital-o.

Elle era levado, não pelo desejo de admirar cousas bellas, de respirar numa atmosphera melhor, de sentir a Vida, emfim, tal como ella merece de ser vivida, mas pela curiosidade de vêr aquillo de que os outros falavam e que elle nunca pudera citar nas suas palestras e nos seus escriptos.

E partiu.

E ao seu embarque foram amigos e admiradores. E á sua senhora foram offerecidas innumeras "corbeilles" de flôres naturaes. E os jornaes falaram no illustre medico, bacharel ou engenheiro, "doublé" de um primoroso escriptor, membro da nossa Academia de Lettras, e que no desempenho de importante commissão do Governo, partia para o Velho Mundo. E as revistas illustradas publicaram o seu retrato á hora da partida, cercado de amigos e admiradores, outros muitos homens de fraque, de annel symbolico e de guarda-chuva de cabo de ouro, e entre innumeras "corbeilles" de flores naturaes que haviam sido offerecidas á sua senhora.

E chegou.

E ao seu desembarque não foram amigos e admiradores. E á sua senhora não foram offerecidas innumeras "corbeilles" de flores naturaes. E os jornaes não falaram no illustre medico, bacharel ou engenheiro, "doublé" de um primoroso escriptor, membro da nossa Academia de Lettras, e que no desempenho de importante commissão do seu Governo, chegara ao Velho Mundo. E as revistas ilustradas não publicaram o seu retrato á hora da chegada, cercado de amigos e admiradores, outros muitos homens de fraque, de annel symbolico e de guarda-chuva de cabo de ouro, e entre innumeras "corbeilles" de flores naturaes que deveriam ter sido offerecidas á sua senhora.

E elle desanimou.

Mas como a França passava então por um grave momento politico, não lhe foi difficil a convicção de que só por esse motivo Paris não o recebia como devem ser recebidos todos os homens de fraque, de annel symbolico e de guarda-chuva de cabo de ouro.

Mas não importava. Elle iria até o Louvre. Era preciso vêr aquillo de que os outros falavam e que elle nunca pudera citar nas suas palestras e nos seus escriptos. Depois, naquelle ambiente de Arte, era impossivel que a sua personalidade não fosse reconhecida.

E foi, então, que elle se lembrou da "Victoria de Samothracia". Elle iria vêr a "Victoria de Samothracia". E a "Victoria de Samothracia" havia de reconhecel-o.

E parou diante da "Victoria". E a "Victoria" continuou impassivel. E elle desanimou. Mas como a "Victoria" não tinha cabeça, não lhe foi difficil a convicção de que só por esse motivo elle não era saudado como devem ser saudados todos os homens de fraque, de annel symbolico e de gurda-chuva de cabo de ouro.

E foi, então, que elle se lembrou da "Venus de Milo". Elle iria vêr a "Venus de Milo". E a "Venus de Milo" havia de reconhecel-o.

E parou diante da "Venus". E a "Venus" continuou impassivel. E elle desanimou. Mas como a "Venus" não tinha braços, não lhe foi difficil a convicção de que só por esse motivo elle não era abraçado como devem ser abraçados todos os homens de fraque, de annel symbolico e de guarda-chuva de cabo de ouro.

E foi, então, que elle se lembrou da "Gioconda". Elle iria vêr a "Gioconda". E a "Gioconda" havia de reconhel-o.

E parou diante da "Gioconda". E a "Gioconda" continuou impassivel. E elle desanimou. Mas como a "Gioconda" estava num quadro, não lhe foi difficil a convicção de que só por esse motivo elle não era reverenciado como devem ser reverenciados todos os homens de fraque, de annel symbolico e de guarda-chuva de cabo de ouro.

Mas não importava. Elle iria até a Italia. Era preciso vêr aquillo de que os outros falavam e que elle nunca pudera citar nas suas palestras e nos seus escriptos. Depois, naquelle ambiente de Arte, era impossivel que a sua personalidade não fosse reconhecida.

E foi, então, que um outro homem de fraque, de annel symbolico e de guarda-chuva de cabo de ouro, lhe disse que a Peninsula era muito suja e Veneza fedorenta.

E elle desanimou.

E elle voltou.

E ao seu desembarque foram amigos e admiradores. E á sua senhora foram offerecidas innumeras "corbeilles" de flôres naturaes. E os jornaes falaram no illustre medico, bacharel ou engenheiro, "doublé" de um primoroso escriptor, membro da nossa Academia de Lettras, e que fôra ao Velho Mundo no desempenho de importante commissão do Governo. E as revistas illustradas publicaram o seu retrato á hora da chegada, cercado de amigos e admiradores, outros muitos homens de fraque, de annel symbolico e de guarda-chuva de cabo de ouro, e entre innumeras "corbeilles" de flôres naturaes que haviam sido offerecidas á sua senhora.

E elle se animou.

E sentiu-se logo outro homem.

E começou a falar naquillo de que os outros falavam e que elle já podia citar nas suas palestras e nos seus escriptos.

E elle tinha autoridade.

E elle era escutado.

E elle dizia, então, que a sua terra, a terra dos homens de fraque, de annel symbolico e de guarda-chuva de cabo de ouro, era o paiz mais adiantado do mundo.

E com isso elle dava desempenho á importante commissão que lhe fôra confiada pelo seu Governo, um governo tambem de fraque, de annel symbolico e de guarda-chuva de cabo de ouro.

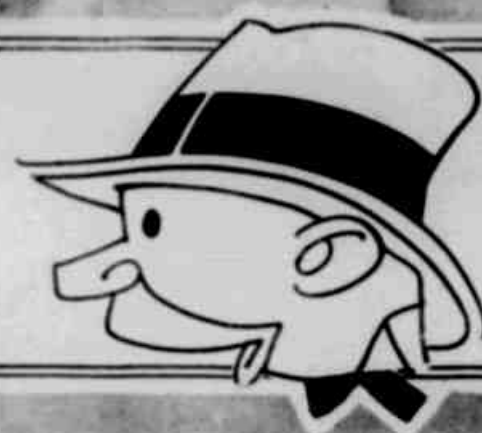
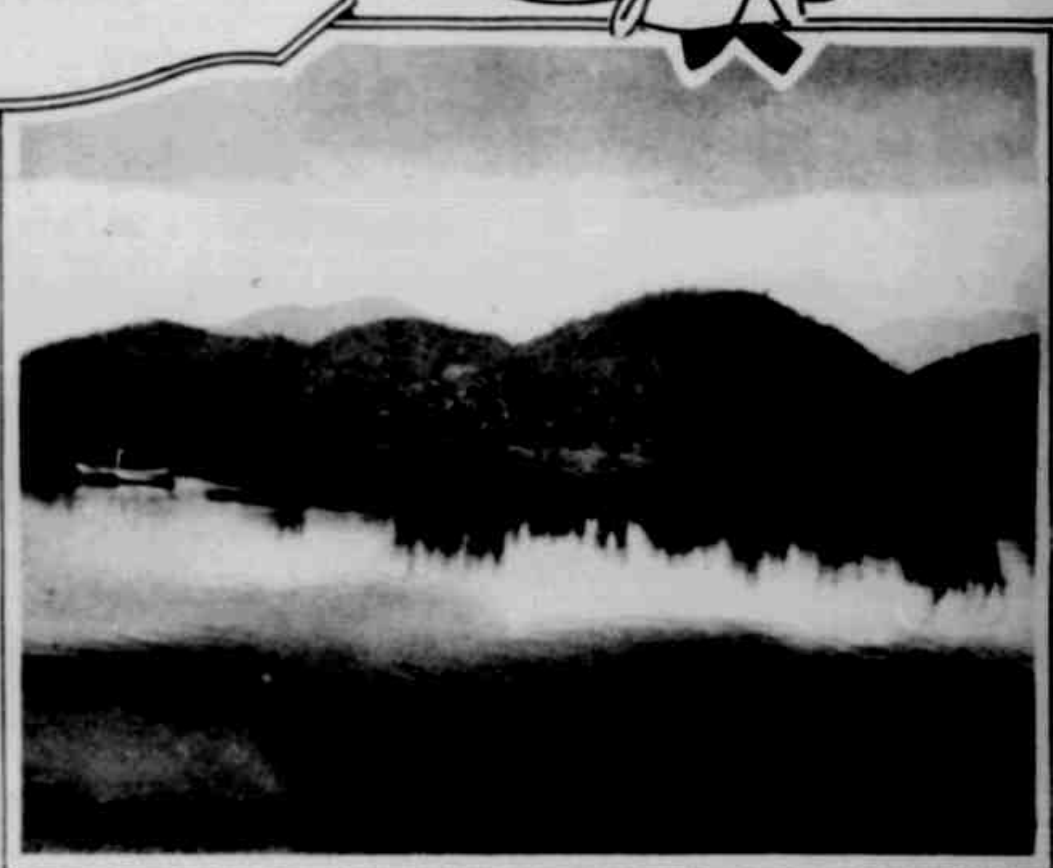
E todos o ouviam satisfeitos.

E todos ficavam convencidos.

E foi assim que elle viveu feliz. E foi assim que elle morreu feliz.

Cayeiras

São Paulo

Bertioga

Santos

Santos

Cubatão

Cubatão.

China Flôr

POR ALCIDES MAYA

ILLUSTRAÇÃO DE J. CARLOS

JÁ ia longe o atropello da perseguição quando, a uma centena de metros da casa fechada, a escolta parou em observação. Desconfiados, os gauchos consultavam-se em grupo, attentos de olhar, mas de redeas frouxas sobre o pescoço dos cavallos. Afinal, um delles, que parecia chefe, de perfil indiatico, popular no exercito pela furia de lancear, interrompeu altaneiro o silencio:

— "Bueno", amigos, carreguemó, ou não? Viemó aqui p'ra olhá! Que a casa tinha parado tapéra, isso vi, inda hont'onte. Que o home varou o Cambahy e enveredou neste rumo, isso todos viram do lado de lá. Que'hi dentro havia gente, era só arreparà na fumaça que sahia de riba da casinha. Ao demais, a porta, escancarada quando cruzemo, tá fechada. Póde, como disse o cabo, que elle 'teja com outros de tocaia e que a fumaceira seja no mais uma negaça: mas, nós é que não andemo aqui devalde...

E, dizendo, avançou ousado em direitura á porta.

A dez metros, porém, uma bala derribou-lhe o cavallo, ferido em plena testa. Os outros, pelo fumo, descarregaram as armas, clavinas Mauser, esburacando a porta.

A' descarga, nenhuma resposta; e, receioso de cilada, os homens "abriram-se", investindo por tres lados. Então, quasi ao mesmo tempo, um cahiu ao oitão, attingido no peito, outro teve a cabeça do lombilho riscada, e uma bala furou, de flanco, o pala do terceiro.

Era segura a pontaria; mas, nenhum delles, agora se enganava: tinham a certeza de enfrentar apenas um adversario.

Não podia ser emboscada: só estupidos prefeririam um entreveiro dentro de casa a uma descarga protegida, abrangendo em massa os assaltantes. Ora, as balas não haviam sido simultaneas; era o mesmo atirador a alvejal-os sereno e certeiro, sabendo o que fazia.

— Estavam deante de homem, valesse-lhes isso...

O assalto á morada foi então resolvido instantaneamente, sem prévio accordo. Lutava-se com frieza, combinando espontaneamente movimentos. Se possivel, queriam agarrar vivo o inimigo.

— E' elle mesmo, resmoneou iroso o indio — Inté que finalmentes...

Ao mesmo tempo, e num impulso parelho, botaram abaixo a janella do oitão e duas portas, a da frente e a do pateo. Logo esporas retiniram, resoaram passos apressados no interior.

Ao acaso da investida, um dos homens atirou contra um vulto em fuga rapida através do corredor escuro. Uma porta bateu e, quando se detiveram defronte daquella peça, dois tiros estrugiram lá dentro.

Quebradas a violentas cotovelladas, escancararam-se os batentes, e foi terrivel a surpresa diante do quadro entrevisto desde a porta arrombada. Houve um recúo, uma parada, a commoção de um vago arrependimento. Sobre a cama, velha marqueza quasi desconjunctada, com a cabeceira ligada aos pés por meio de guascas, uma rapariga arquejava agonisante sobre o corpo de um joven official morto, assassinado por ella propria, afim de o poupar á sanha adversa. O sangue de de ambos confundia-se sobre a colcha de chita. O homem, que tinha um dos braços atado ao peito por um lenço de sêda ensanguentado (um ferido que a amante, rude vivandeira gaucha, conseguira arrastar na sua carreta até áquella casa abandonada), recebera uma bala no coração, antes da que a ella tambem lhe varára o peito. Tinham-se confundido, continuavam a confundir-se os dois sangues...

A heroina cahira de frente, como ainda prestes a defender-se e a defender o pouso. Havia nos seus olhos abertos, parados, de fixa lucidez, bravia e curiosa, a morrediça interrogação daquelle fim...

— Medo da degolla —, pensou o chefe dos assaltantes — estremecido pela primeira vez na vida, na sua ingenua vida brutal de guerrilheiro.

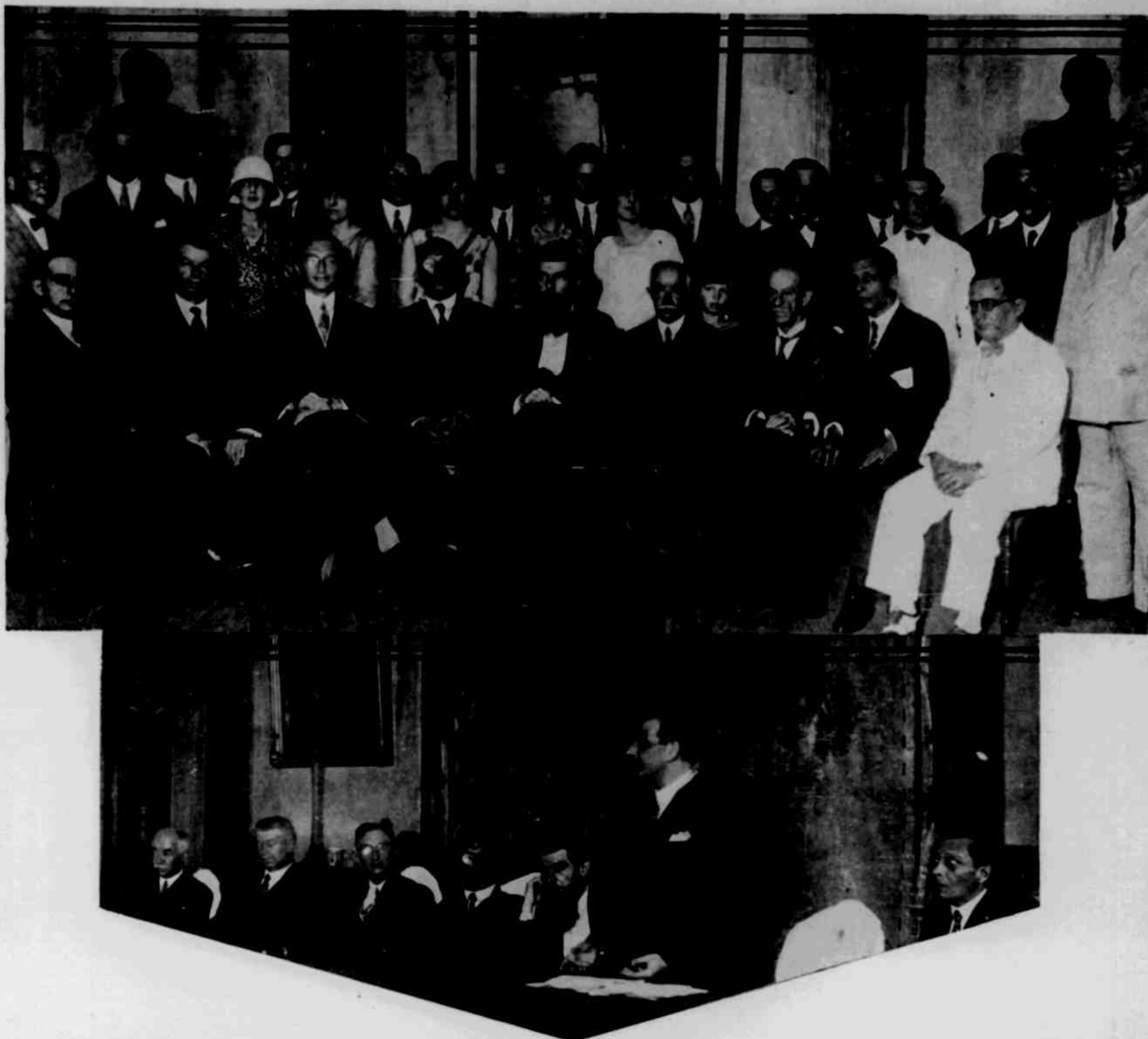
E não pensava mais no inimigo a quem procurava, e que bem longe andava áquella hora, zombando delles...

— China-flôr — limitou-se a dizer aos camaradas taciturnos.

Entretanto, no derradeiro estertor, o corpo agonisante se approximára mais do outro, immovel e rigido. Pendeu-lhe a cabeça, soltaram-se-lhe os cabellos sobre o peito sangrento do seu amigo. Findou assim a pobrezinha, e estava tão formosa que o Antonio Sagaz, encarregado de abrir as sepulturas, após a partida da escolta, sentiu dentro de si como um clarão e disse ao soldado que o acompanhava:

— Botemos os dois na mesma cova, amigo, que é como se ella estivesse me pedindo... Cousa assim!

O outro tambem estava commovido, tanto que accrescentou, a cocar a barba ruiva que lhe chegava quasi aos olhos:

— E eu mesmo vou fazer a cruz...

Commemoração do dia anniversario do marechal José Pilsudski, dictador da Polonia, na Sociedade de Geographia.

Na residencia do senhor Nicanor Lobo, quando foi baptisado o seu filhinho Heitor

Na Escola Normal

Os exames de admissão á matricula

O joven engenheiro Dr. Puchet nivelando o terreno.

A grande machina bate-estacas de cimento armado.

Candidatas aguardando a entrada para o exame de admissão.

Eram 506 candidatas que aguardavam em grupos, ao lado do edificio da Escola, a entrada para o exame de admissão.

Approximamo-nos e batemos uma chapa de um pequeno grupo onde havia uma futura normalista consultando um jornal para ver, talvez, o resultado da sua prova de portuguez feita na vespera.

Dentro em pouco estavamos rodeados por outro alegre grupo de senhoritas que indagavam:

— De que revista é o senhor ?

— Do "Para todos...".

— Então póde tirar nosso retrato, declarou a senhorita Ruth, intelligente moreninha de olhos vivos e risonhos.

— Parece que estão muito satisfeitas com o resultado dos exames; aventuramos nós.

— Ainda não se sabe qual será esse resultado. Sómente depois de feitas todas as provas, responderam-nos umas tres ou quatro, falando ao mesmo tempo.

— E os pontos sorteados têm sido faceis ?

— Qual nada ! Na prova de Portuguez foi "bomzinho"; mas na de Arithmetica foi uma verdadeira charada, disseram algumas.

— Aquillo nem charada era... Parecia mais adivinhação, confirmaram outras.

— O facto é que, naturalmente, as senhoritas responderam os quesitos com acerto e esperam ser approvadas, não é ?

Que esperança ! Poucas foram as que responderam a todos os quesitos.

— Desde que responderam á maioria delles talvez não fique prejudicada a prova, ainda dissemos.

— Qual nada ! Aqui só passa quem trouxer "pistolão".

Mas a policia prohibe o porte de armas, e ainda mais usadas por senhoritas que vêm se submetter a exame, e exhibindo logo "pistolões" pódem amedrontar ou coagir as bancas examinadoras...

— Não. O "pistolão" de que falamos é o pedido de approvação, o empenho junto aos examinadores; responderam sorrindo.

— Ah !... Não será tanto assim, dissemos nós.

Ouviu-se um toque de sineta. Ia começar a chamada. Os numerosos grupos formados á sombra na calçada do archaico predio da Escola encaminharam-se para a porta de entrada, onde iam desapparecendo para se reunirem novamente no pateo ajardinado e batido pelo sol forte daquella manhã de verão.

Deante das grades de um portão intransponivel a quem não fosse prestar exame, iam-se enfileirando os grupos de candidatas que passavam, uma a uma, encaminhando-se para as diversas salas onde as aguardavam as commissões examinadoras, que para ellas tinham o aspecto de juizes terriveis e inexoraveis.

O actual edificio da Escola é o que ha de mais inadequado ao fim a que se destina. ..

Lembramo-nos, por isso, de fazer uma visita ás grandes fundações do futuro edificio que está sendo construido na rua Mariz e Barros pela Sociedade C. e Constructora Ltd. e da qual é gerente o Dr. Carlos Alberto Vanzolini, sendo o projecto em execução dos architectos Cortez & Bruhns.

Recebidos amavelmente pelo joven engenheiro Dr. Puchet que, no momento, nivelava um trato do terreno e nos apresentou ao Dr. Quintanilla, ficamos convictos de que dentro de um anno e pouco a Escola Normal terá um edificio digno e modelar.

Em cima, chegada do doutor Geonisio Curvello de Mendonça, sub-director do expediente dos Correios. No centro, embarque do Sr. Armando Joaquim de Carvalho com sua senhora e sua cunhada, para a Bahia. Em baixo, chegada do Sr. Vasco Abreu, nosso collega de imprensa, de volta da America do Norte.

CI-NE-MA

O senhor Emile Vuillemoz, na sua chronica de "Le Temps", commenta as ultimas cifras officiaes e constata a diffusão do film allemão nos Estados Unidos: — Quantas e quantas vezes nos affirmaram que os Yankees, ciosos de seus privilegios industriaes e commerciaes, creavam taes difficuldades aduaneiras á importação européa, que film francez algum podia transpor taes barreiras! Ora, eis aqui uma estatistica do governo americano, provando que os Estados Unidos não conseguem mais se livrar da infiltração dos films europeus. Durante o anno passado foram comprados duzentos films estrangeiros pelos nossos amigos americanos. E muitos delles tiveram um successo popular immenso.

Desses duzentos films, 83 foram produzidos pela Allemanha, 37 pela Inglaterra, 30 pela França, 16 pela Russia, 7 pela Italia, 4 pela Polonia, 2 pela Austria.

O curioso é que a Austria sendo um paiz de pequena producção, obteve um dos mais estrondosos successos populares de que se tem conhecimento com a "Lua de Israel". O publico americano não dá importancia a preconceitos: com um senso pratico que só merece louvor, elle apenas vê se o film lhe agrada ou não, qualquer que seja a sua nacionalidade. Isto constitue uma indicação preciosa para as nossas fabricas de films.

Inspirado na conhecidissima novella de Anatole France, o film "Crainquebille", de Jacques Feyder, teve immenso successo nos Estados Unidos. Todos os que são contrarios ás adaptações deveriam ver esse film, pois se ha autor difficil de transportar para a tela é justamente Anatole France com a sua "philosophia sorridente", sua subtileza, sua ironia e a preciosidade de seu estylo. Mas Jacques Feyder, realizador admiravel, soube vencer a difficuldade, e em vez de uma cópia servil, deu nos um film simples, cheio de vida, profundo e interpretado com grande naturalidade por artistas francezes, taes como: Jeanne Cheisel e Marguerite Carré, Worms, Forrest e Numès e principalmente Férandy, cuja creação é assombrosa.

LAURA LA PLANTE

LUPE VELEZ

E' uma pequena obra - prima "Zona", film sobre a vida dos "trapeiros". Gente que fórma uma classe especial e original de Paris, quasi uma corporação com seus costumes, sua moral, seu modo de sentir e, de viver todo á parte.

Feito com intelligencia, muito bem realizado pelo Sr. Georges Lacombe, esse film mostra-nos aspectos pouco conhecidos de Paris, do velho Paris, e que provocam logo a nossa emoção e a nossa curiosidade.

Avalanches de immundices, nuvens de pó, trabalho das mulheres e dos homens no meio disso tudo, idyllio, prazeres dessa pobre gente que no fim de um dia de trabalho diverte-se nas suas barracas com simplicidade, com ingenuidade, toda essa vida, emfim, é apresentada sem falso sentimentalismo, com uma realidade surprehendente e bem comprehendida.

"Zona" é um film que nos ensina alguma coisa e que nos deixa uma recordação que nunca se ha de apagar de nossa memoria.

Na Inglaterra toda a imprensa censura o facto da policia ter interdictado a projecção do film allemão "Kosmos". Espera-se, entretanto, uma nova solução ao caso.

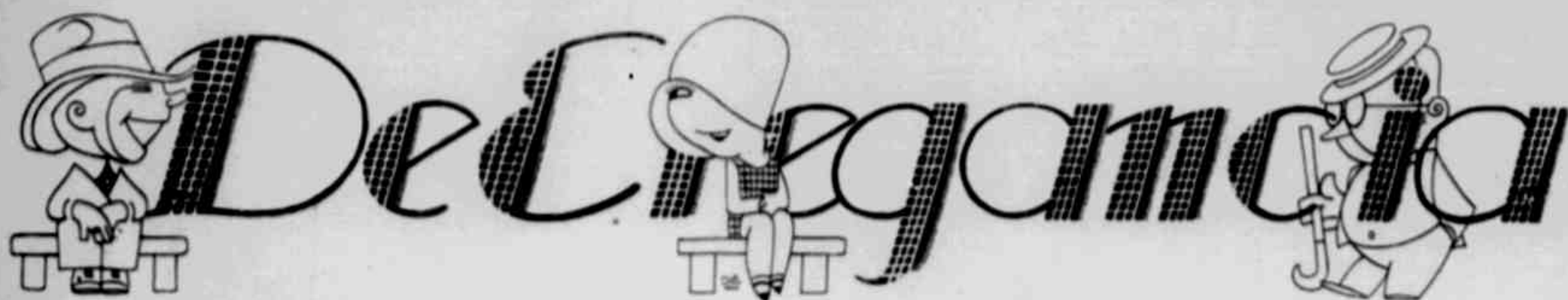
Lya de Putti, a conhecida artista hungara, começou a trabalhar na producção "The Informer", sob a direcção de Arthur Robinson. Tem sido muito entrevistada, fornecendo a todos as suas impressões de Hollywood.

Leiam, ás quartas-feiras, "Cinearte" a melhor revista cinematographica.

S. A. A PRINCEZA MARY DA INGLATERRA ENTRE OS OFFICIAES DO SEU REGIMENTO, NO CAIRO

A Princeza Mary, Lord Lloyd George, Governador do Egypto, o Commandante da Esquadra de Port-Said, No Cairo.

A Princeza Mary sahindo da visita ao Museu Egypcio com o seu Director, Prof. Laukau, no Cairo.

De Elegancia

É de Henrique Cavalleiro, o illustre pintor que esteve na Europa a aperfeiçoar-se e a fruir o premio de viagem da nossa Escola de Bellas Artes, o "interview" de hoje.

Cavalleiro, que foi consagrado por um jury de entendidos, lá nas bandas da alta civilização onde se vive, de verdade, num ambiente de arte, impoz-se. Cá está de novo a trabalhar ininterruptamente, apparecendo o seu nome a todos que recorrem cuidadosamente aos trabalhos de um artista de escól.

Illustra elle esta secção com uma série de desenhos humoristicos a elegancia através dos tempos. E' a sua entrevista. Além de tudo, este processo é original.

Vem a documentação em traço, desde as primeiras manifestações da elegancia, que é, segundo o pintor, a de Adão a recortar a lendaria folha de parra. Em seguida, a elegancia egypciana, e, logo depois, a grega e a romana. Idade Média, Renascença, Luiz XV e as "Merveilleuses".

Está no ultimo quadro o homem de jaqueta curta e calças largas. E' o elegante seculo XX, ou por outra, o que, em materia de moda masculina mais proliféra. E o almofadinha que se destaca pelo exaggero das roupas, e, geralmente pela "maquillage".

O almofadinha 1928-1929 usa bigode. O fio de barba já figurou como documento de honra. A barba figura, agora, como ornamento. E só. Copiaram-na os nossos "dandys", dos artistas da téla. Um bigodinho estreito, um aparado como o do Carlito, um como o do Ronald Colman ou, ainda, como o do Menjou, prestigia os rapazes, agrada á parceira delles: a melindrosa.

Henrique Cavalleiro traçou-a num passo desengonçado de dansa, o passo que ella usa dansando ou andando. A "merveilleuse" evoluiu. Dos palacios passou a habitar no vigesimo pavimento de um caixão de cimento armado, bem perto do céo, num commodo minusculo, legitimo "bric à brac" em que vestidos, perfumes, tintas, flores,

cigarros e fitas se misturam ás almofadas do divan que, por sua vez, substituiu a cama por ser mais pratico, mais prompto,e por dar tambem a um quarto a apparencia de sala de visitas, ou, o que é mais "ehic", de "boudoir".

Tambem ella pára tão pouco em casa! Gasta as horas no cabellereiro—reparem como o entrevistado de hoje a imaginou soffrendo os supplicios da ondulação permanente... por seis mezes...

A pequena não perde um chá, uma festa de caridade, a sessão do cinema, a vesperal dedicada ás meninas solteiras, o desfile na Avenida, o banho em Copacabana, na Urca... Como distribue o tempo se está sempre a queixar-se da falta delle? Como está em toda a parte se os minutos são tão escassos? Agita-se muito, muito. E é companheira. E vive a sorrir. E é infatigavel. E é condescendente. E é camarada. E' um amor... Eis as caricaturas de Henrique Cavalleiro.

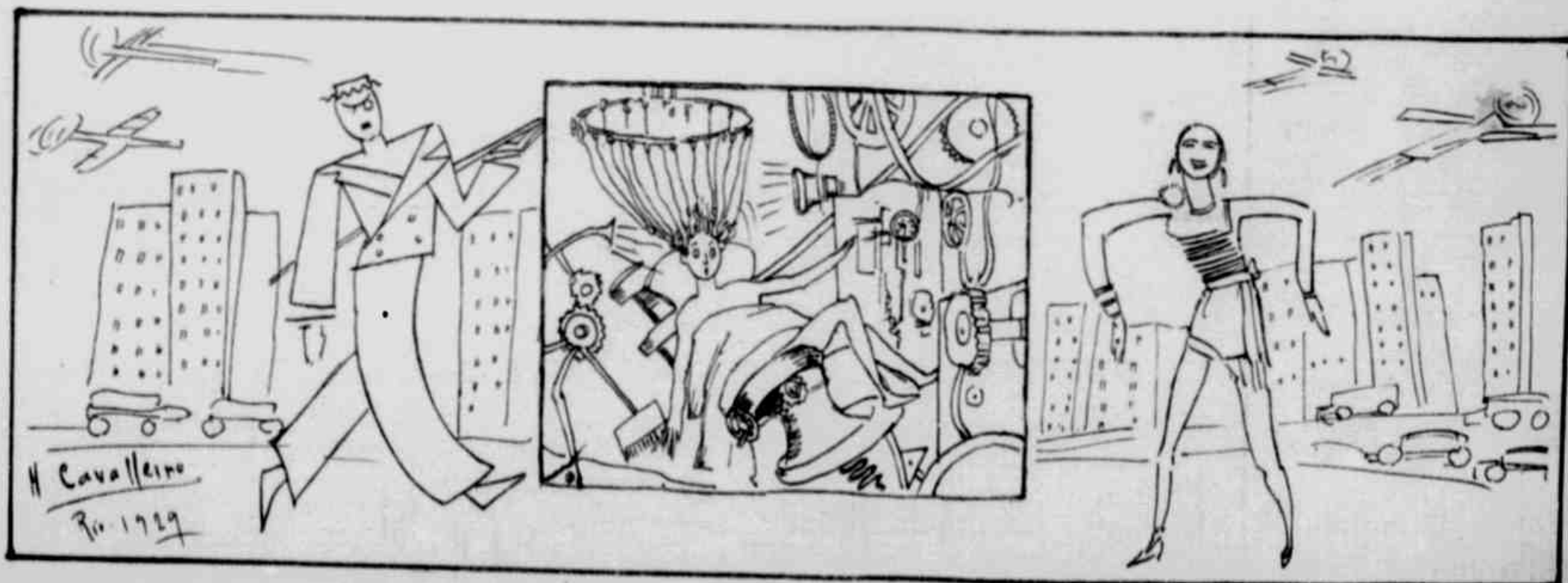
Faltou o retrato do pintor. Elle, porém, prefere caricaturar e retratar os outros. Não gosta da objectiva photographica, não gosta de servir de "modelo", com excepção do auto-retrato. Insisti para que publicasse um desses. Qual nada. O artista não quer que os leitores o dêemcomo suspeito...

* * *

Num dos proximos numeros: elegancias de meia estação nos salões do cabellereiro A. Fadigas.

* * *

Da representação, aqui, dos automoveis "Stutz", cuja direcção está a cargo do gentilissimo Sr. Peçanha,recebi agradecimento pela noticia da abertura da exposição dos automoveis "Black Hawk", da mesma empresa.

S O R C I E R E

O Conselheiro João Franco, ultimo chefe do Governo de D. Carlos, no dia de seu anniversario natalicio rodeado de amigos.

A Commissão que foi do Fundão a Lisbôa para cumprimentar o Conselheiro João Franco.

Assistencia presente ao banquete, no Palacio da Nunciatura, offerecido ao Chefe do Governo e Corpo Diplomatico no dia do anniversario da Coroação de SS. Pio XI

Alves por elle mesmo

EU
E O PINTAMONOS QUE ME PINTOU

Faz tempo que eu andava com vontade de botar o meu retrato no "Para todos...". Isso era prá mim uma vontade tão grande como a vontade que eu tenho de escrever uma peça theatral chamada "Generos do paiz", peça que sómente poderá ter como interprete principal D. Itala Ferreira, a artista que é duma bonteza inconfundivelmente nossa, e que, por isso, é o mais legitimo padrão da nossa raça, na ribalta.

Mas eu não me aventurava a pousar prá um photographo, porque elles são uma classe de homens que quando botam a nossa cara no papel, ou prá melhor, ou prá peor, a adulteram.

Decerto que eu não temia que elles me fizessem mais bonito do que eu sou. O meu temor era... sahir tal qual eu sou.

E... "Ha vinte e oito annos, num logarejo da Italia Central, nasceu um italianinho que á pia baptismal recebeu o nome de Luigi Giaché. Ouvi dizer que elle, logo ao nascer botou num papel que por acaso achava-se sobre o criado-mudo, a cara rubicunda da madama que assistira á sua mãe. Crescidinho, num exame de mathematica, envês de resolver os problemas, pintou a cara do velho professor, o que lhe valeu algumas reguadas. Mais tarde entrou pró Instituto de Bellas Artes de Urbino, onde teve um curso brilhante, dada á sua tendencia especial prá arte. Diplomado, passou a trabalhar em varias revistas humoristicas da terra que parece uma bota chutando uma bola. Espirito irrequieto e curioso, porém, cansado de ver os panoramas bucolicos da velha terra do Danubio, teve vontade de ver matto, entrou prá um navio e mandou tocar pró Brasil. Em viagem, caricaturou todos os passageiros, toda a guarnição, inclusive o cachorro do commandante, um buldogue pernostico e latidor. Chegou. Após alguma permanencia no Rio, veiu prá S. Paulo. Aqui, arranjou trabalho no "Melro" no "Pasquino Colonial" e no "Diario Nacional", onde o conheci. Achando o seu nome muito complicado passou a assignar-se Alves. Gosta e admira o grande mestre J. Carlos, Di Cavalcanti, Roberto Rodrigues, Belmonte e é amigo de Alvarus. Toma chopps e tem uma calça - fantasia muito interessante. E' um grande artista, de fina perspicacia. Personalissimo e synthetico. Estylista e incisivo. Creou uma escola sua propria. Mas é máo, mesmo quando se pinta. Diz que o caraturista deve ser como os cirurgiões: pondo á mostra as mazelas, quando em operação. E' dissecador. Indubitavelmente, acertou profissão; nasceu prá caricatura, como o Sr. Octavio Mangabeira prá diplomata. Trabalhador e esforçado, mesmo sem ser futurista é um homem de futuro. E' pena ser tão máo. Como elle ouvisse falar que eu andava com uma vontade muito grande de botar o meu retrato no "Para todos...", resolveu fazer a minha cara. Fez. E' essa. Todos dizem que a cara está parecidissima cam o dono. Eu não acho. Eu acho que, se não sou muito mais bonito, sou pelo menos muito menos feio.

Depois elle não botou ahi uma camisa roxa muito interessante que eu tenho e que é parecidissima com aquella camisa roxa do Alvaro Moreyra. Não botou o meu finissimo sapato, que eu comprei por oitenta mil réis, na Casa Vacáro. E o meu "Tabac Blond", loiro, como a menina que embalou a minha meninice e que foi a razão dos meus primeiros versos... Pois é. Me fez muito feio. Me deu uma raiva... Mas, o dono do outro retrato que não é o meu, o Alves, é incontestavelmente um grande artista, personalissimo, senhor dum estylo seu, proprio, embora seja muito máo, muito máo...

Nobrega de Siqueira por Alves

NOBREGA DE SIQUEIRA

NA PRAIA DE COPACABANA

XADREZ

Começarão na primeira quinzena de Abril os Torneios de Classificação da Associação Brasileira de Xadrez (Club de Xadrez do Rio de Janeiro) que vem desde já despertando grande interesse.

Consta que o Campeão Brasileiro, Dr. João de Souza Mendes Junior, a titulo de animação, disputará o Torneio da Primeira Turma.

—

O Torneio para Campeonato da Belgica, terminou com a victoria do mestre Colle, que deste modo manteve o titulo de que era detentor. Secundou-o o mestre Koltanowsky.

—

O mestre italiano Monticelli desafiou o detentor do titulo de Campeão, Sr. Rosselli Del Turco, para um match de Campeonato da Italia, que deve ter começado em 15 de Março. Vamos ver se o Campeão conserva o titulo...

—

O Club dos Bandeirantes do Brasil pretende convidar o Club de Xadrez de São Paulo, para um match telephonico em 10 taboleiros.

Caso os paulistas acceitem, a representação bandeirante, provavelmente, será a seguinte:

1—Dr. João de Souza Mendes Junior.
2—Dr. Antonio Americo Barbosa de Oliveira.
3—Clovis Mendes de Moraes.
4—Dr. José Lacerda Guimarães.
5—Dr. Luiz Burlamaqui.
6—Ronald Silley.
7—Dr. Tasso Motta.
8—Aubrey Stuart.
9—Dr. Alberto Gama.
10—Carlos Murillo Reis.

—

Na primeira quinzena de Abril, Roberto Gráu, Campeão Argentino, defenderá o seu titulo contra Isaias Pleci, ganhador do Torneio Maior da Federação Argentina.

PROBLEMA N. 5

Dr. F. Mendes de Moraes Filho
(1° Premio)

Pretas "O queima-miolos" 7 Peças

Brancas Mate em 2 lances 13 Peças

—R3cC2l—1BB5—1PT5—3rPS—
—2pp2C1—3c1P2—Pp1TP3—
—1D4b1—

PROBLEMA N. 6

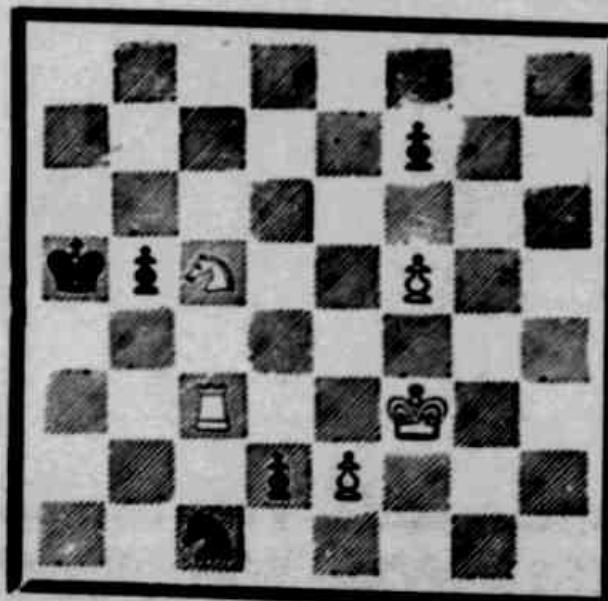
J. Berger

Pretas "O quebra-cabeças" 11 Peças

Brancas Mate em 3 lances 9 Peças

—2CD2B1—p5c1—2p1t3—
—1pr4p—tp2PT2—
—1c2P1pR—PP6—6b1—

ESTUDO N. 1

Pretas R. Reti 5 Peças

Brancas 5 Peças
As brancas jogam e ganham

—8—5p2—8—rpC2P2—8—
—2T2R2—3pP3—2c5—

PARTIDA N. 3

Brancas Defesa indiana Pretas

SAEMISCH RETI

P 4 D	1	C 3 B R
P 4 B D	2	P 3 C D
C 3 B D	3	B 2 C
D 2 B	4	....

Preparando a occupação do centro com o lance P4R — Optima jogada que Teichmann importou da Suissa.

....	4	P 3 C R

Com duplo jogo de flancos o centro ficará abalado. Nenhum resultado obteve a tentativa feita na 5ª partida do match Teichmann-Alekine, Berlim 1921, depois de 4—....C3BD—5—C3BR, P3R; 6—P4R, P4R; com a intenção de entrar no Gambito Budapest; as brancas chegaram a decisiva vantagem com a continuação 7—PxP, C4C; 8—B5C!, B2R; 9—B4B! etc.

P 4 R	5	P 3 D
P 3 C R	6	B 2 C
B 2 C	7	C 3 B

Mais commodo parece C2D; as pretas, porém, planejam para o seu cavallo uma funcção inteiramente desconhecida.

C 2 R !	8	P 4 R
P 5 D	9	C 2 R
O - O	10	O - O
P 4 B	11	....

Reti começa a sentir as consequencias desagradaveis de sua propria theoria, isto é, que o avanço dos peões no centro do taboleiro quasi sempre vae proporcionar ao adversario novas linhas abertas.

....	11	P x P
P x P	12	....

As brancas conseguiram um centro de peões dotado de toda a mobilidade.

....	12	C 2 D
C 5 C !	13	....

Manobra subtilmente idealisada. Caso 13—....P3TD então 14—C4D com accesso para a casa 6R, se as pretas jogarem P4BR que constitue justamente o seu plano, e que desta fórma vae por agua abaixo... A mobilidade restringida do jogo das pretas accentua-se nos proximos lances.

....	13	R 1 T
B 2 D	14	C 1 C R
B 3 B D	15	P 3 T R
T D 1 R	16	P 3 T D
C 5 C 4 D	17	D 5 T

a idéa de permanecer com a D nestas bandas é promptamente frustrada.

C 4 D 3 B	18	D 2 R
C 2 R 4 D	19	R 2 T
C 5 B !!	20	....

Tão elegante quanto energico. O joven mestre berlinense mostrou como oppôr á defesa indiana de Reti, o seu talentoso e scientifico modo de tratar a partida.

....	20	P x C
P x P	21	C 2 D 3 B

Como é facil comprehender a transacção: — Dama contra Torre e Cavallo — e obrigatorio porque depois de 21.... D1D segue-se dolorosamente 22—P6B ch. seguido de PxB mate.

T x D	22	C x T
C 5 C ch !	23	R 1 T
P 3 C D !	24	....

Abrindo caminho

....	24	T 1 B
D 2 C	25	C x P B

Se 25—... C1C decide 26—C4R. C4T; 27—P6B

B x C		26	P x C
P x P		27	B x B
D x B ch.		28	C 2 C
P 6 C !		29	ABANDONAM

Porque depois de 29—... PxP; 30—DxT ch. TxD; 31—TxT ch. R2T; 32—T8CD e ganham o Bispo e a partida. Brilhante producção.

Commentarios de Tartakower.

ROUPA NA CORDA...

O Zé Lacerda, quando de volta de sua viagem, contou cheio de pose, com os seus ares amalucados:

— "Fui á Inglaterra aperfeiçoar os meus estudos medicos e nos meus lazeres frequentava o "Gambit Chess Rooms" Foi um successo ! Dentro em pouco havia vencido os seus mais fortes jogadores, com excepção dos mestres que só jogavam a dinheiro; ora eu não estava disposto a pagar, perdesse ou ganhasse, e por isso propuz ao Yates, ao Buerger, ao Thomas, ao Winter, ao Seargent e outros... — Eu jogo com vocês nas seguintes condições: se eu perder pago o shilling, mas se eu ganhar vocês me pagam tambem. — Elles acceitaram, crentes que eu era sopa ! Foi uma belleza ! Todas as tardes eu ganhava os meus 5 shillings ! Só o Yates é que uma vez conseguiu empatar uma partida..."

O pessoal acreditou e formou-se em torno do Lacerda uma aureola de fama. Veiu o match com o Trompowsky e o Club em peso commentava antes do seu inicio.

— "O Trompowsky está destreinado. Vae levar uma "surra" formidavel... pois o Lacerda na Europa venceu todo o mundo..."

Mas, para vergonha dos mestres inglezes, o Trompowsky ganhou...

O Zé Lacerda anda succumbido, de crista cahida, a explicar a derrota:

— "Perdi de "peso", as minhas partidas estavam liquidamente ganhas"...

Será que os inglezes perderam mesmo, seu Zé ?

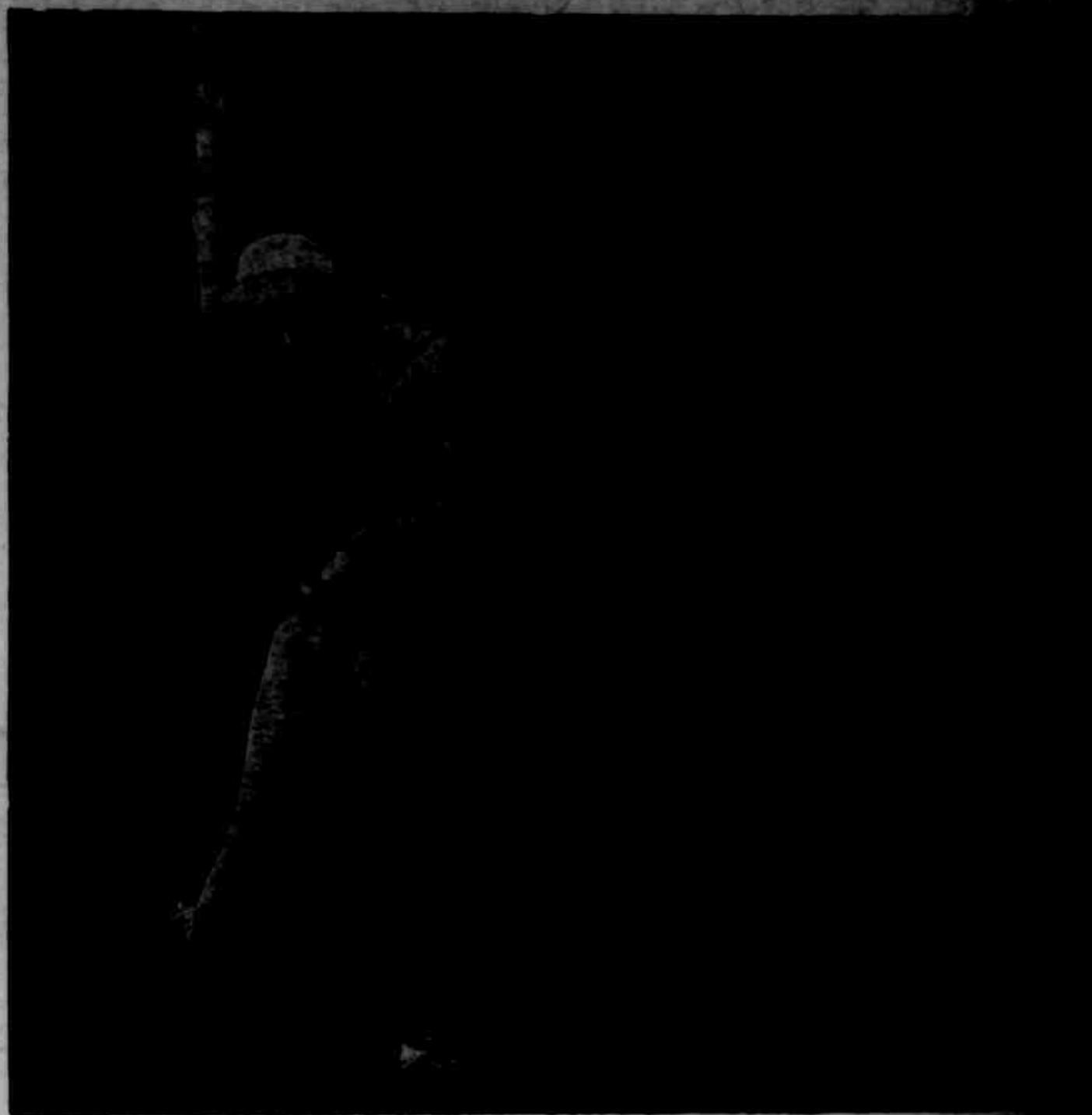
Vá a uma "macumba" para tirar o "peso"...

—

O Alceu Maciel, campeão absoluto de Paracamby, no recente Torneio da Associação dos Empregados no Commercio, derrotou o veterano Stuart depois de uma lucta movimentada.

Seu Stuart o senhor ultimamente anda de azar ! Vá aos "barbadinhos" e benza-se, homem ! !

—

As soluções e os commentarios pódem vir sob pseudonymo, para effeito de publicação, mas é necessario que o solucionista declare tambem o seu verdadeiro nome para que o Redactor da secção saiba com quem trata. Por solução certa creditarei 2 pontos, por "furo" 3 pontos e por solução errada debitarei 5 pontos. O prazo para entrega é o seguinte: Capital 7 e Estados 14 dias. Toda a correspondencia deverá ser dirigida para Carlos Reis, Redacção do "Para todos...", Rua do Ouvidor n. 164.

A LIGA DAS NAÇÕES...

OS SENHORES FELIX PACHECO E ELYSIO DO COUTO, EM VIG...

COMPANHIA SOUZA CRUZ

Avenida Rio Branco esquina, Sete de Setembro — Rio.

E' este o primeiro arranha céo inaugurado na Avenida Rio Branco. Nelle installou a Companhia Souza Cruz os seus serviços que occupam o andar terreo, e o 9º andar, distribuindo-se neste a actividade dos escriptorios, e montando-se naquelle, conforme aspecto que reproduzimos n'"O Malho", a loja de venda a varejo e os seus sortidos mostruarios de cigarros e objectos de fumantes.

O Theatro no Japão

(CONCLUSÃO)

o nosso ponto de vista theatral; a acção é contradictoria e parece não ter uma conclusão real. No entanto, os japonezes deleitam-se com semelhantes dramas; primeiro, porque se trata de uma lenda nacional cujo eixo é a vingança — o caracteristico commum a essas historias é que a vingança é sempre exercida contra os poderosos e isso agrada especialmente ás pessoas de idade — segundo, o caracter dos personagens é sempre energico e cheio de brio, angariando assim os applausos de um povo essencialmente viril como o japonez. Além disso, a enscenação e os vestuarios são de uma riqueza deslumbrante, de modo que, apezar dos dramas serem, em geral, destituidos de significa[illegible] e não terem nexo, fazem successo [illegible]ente pela esthetica e belleza da mon[illegible]m.

Em "Soga no Taimen", quando o panno se levanta é um verdadeiro deslumbramento! O scenario representa uma sala de banquete, ricamente posta e vê-se fóra as arvores carregadas de flores vermelhas e brancas. Ouve-se a voz de Suketsune lendo um poema ("waka") composto por elle em que fala das ameixeiras floridas, do canto dos rouxinóes, etc., em linguagem poetica e elevada.

—

Suketsune é um homem máo, mas não mesquinho; póde ser comparado a Macbeth, nos traços geraes do seu caracter, sem no entanto o pavor que o passado inspirava a esse. Está convencido de sua força e poder e que deverá morrer justamente por causa do seu passado.

"Asahina", o amigo dos dois irmãos, chama a attenção dos estrangeiros pela caracterisação grotesca: rosto, braços e pernas são pintados em traços vermelhos. A isto chama-se "kuma", o que combinado com a côr do vestuario, indica o temperamento do personagem: vermelho, quer dizer ardente e exaltado; preto-azul, significa dissimulado, máo, vicioso. Quando o personagem é ardente, mas muito moço como é o caso de "Goro" neste drama, os olhos são circumdados de vermelho.

Os "Kajiwara", pae e filho, são personagens secundarios, máos e aduladores; além destes, temos os leaes e fieis servidores de Suketsune. Dois personagens femininos: "Tora" e "Shosho". A primeira ama Juro e anseia por ajudar os irmãos. Shosho ama Goro, o mais moço que nem vê esse amor, pois só tem uma idéa fixa: a vingança. Ambas são lindas e frageis como lyrios.

Pouco depois de levantado o panno, entram os dois irmãos, vestidos de vermelho; a mesma côr indica a harmonia e a igualdade de projectos de ambos. Juro tem tarambolas (aves vulgares) bordadas na sua roupa, o que significa que será morto depois de matar o inimigo commum; Goro traz borboletas como emblema, pois será aprisionado antes de morrer tambem. Juro é delicado e Goro é rude. A maneira de representar de Juro chama-se "wa goto" e a de Goro "ara goto".

—

Pelo que acabamos de explicar, comprehende-se que o interesse principal de um drama japonez não está na acção propriamente dita e sim no modo de representa-la e no luxo da montagem. Os actores têm uma maneira toda especial de representar, toda tradicional, cheia de convenções, que a nós parece exotica como tudo o que nos vem desse povo.

Para completar o espectaculo, temos "Sanemori", outro drama classico em um acto, menos inverosimil que "Soga no Taimen". Uma dansa classica ("Adori"), cujo titulo é "Bunya to Kisen"; uma comedia nova "Matagoro e seu irmão" em quatro actos e finalmente "Harugasumi Tabi ni Tachibana" em dois quadros.

E' bastante, não acham? Teria algo a dizer a respeito dessas outras peças, mas falta-me o espaço; fica, pois, para outra occasião.

GRANDE ORCHESTRA PIANISTICA

Professor João Sépe

Graças á iniciativa do distincto compositor João Sépe, foi creada em São Paulo, ha pouco, uma grande organização musical composta de 12 pianos e 24 executantes, cujo fim é obter o maior effeito orchestral.

A opportuna idéa do profissional paulistano, tem encontrado nos meios musicaes da capital paulista o mais enthusiastico apoio e dia a dia, sobre ser verdadeira novidade no Brasil, se affirma como uma realização victoriosa.

Clinica Medica de "Para todos..."

E' commum vêr creanças exclusiva- nte sujeitas ao regimen de amammen- ção vomitarem grande parte do leite gerido, quando principia a digestão sse alimento.

Se a creança é robusta, apresenta boa côr e não patenteia quaesquer outras rturbações, é logico admittir que os mitos resultem do excesso de alimen- ção. O pequenino estomago, tendo a pacidade normal ultrapassada, pratica um verdadeiro acto de defesa, rejeitando a sobrecarga que lhe é prejudicial.

Em semelhantes condições, o trata- ento se limita ás prescripções hygie- icas tendentes a reduzir a alimentação á creança, deixando de amammental-a antas vezes, por dia, e impedindo que gulosamente se exaggere, a sugar alimento, durante longo tempo.

Quando, porém, concorrem com os vo- itos alguns outros symptomas, taes mo embranquecimento da parte supe- r da lingua, desenvolvimento de ga- , tympanosidade do ventre, constata- por meio da percussão, soluços e ar- os, após a ingestão do leite, d'arrhéa rnada com prisão de ventre, inso- , inquietação e excitabilidade ner- , etc., não póde o clinico ter a me- duvida de que defronta um caso yspepsia, internamente ligado á in- ficiencia do fermento capaz de pro- er a digestão do leite.

Esse é o "lab-fermento" ou "caseá- , existente no succo gastrico de to- s os mamiferos, principalmente na ase inicial da existencia, quando a atureza — a suprema doutrinaria in- iradora da hygiene — lhes impõe dis- icionariamente a alimentação lactea, am elles carnivoros, herbivoros ou nivoros.

A falta absoluta ou mesmo a defficí- cia do "lab-fermento" que deve ser undante, no succo gastrico das crean- s, determina profundas perturbações estivas, visto como elle influencia de- iva, na digestão do leite, conforme monstraram as concludentes experien- s dos physiologistas **Arthus, Pagés** e ...

Prevenir os grandes males é a missão medico e, assim, o clinico pediatra, servando casos de vomitos persisten- , em creanças ainda sob o regimen amammentação, deve pesquisar at- tamente a causa morbida, no intuito evitar que um descuido lamentavel tribua para o incremento das terri- s enfermidades que são as dyspepsias, gastrites e as gastro-enterites in- tis.

Verificados os defeitos da digestão ctea, bem como a escassez da "caseá-

VOMITOS DAS CREANÇAS AMAMMENTADAS

se", no succo gastrico da creança, cabe ao medico supprir as lacunas funccionaes, prescrevendo, por exemplo, o "labfermento granulado", o qual, dissolvido num pouco dagua fervida e addiccionado á pequena quantidade de leite que se extrae do proprio seio da nutriz, póde ser, com facilidade administrado aos lactantes.

Medicos

CONSULTORIO

A. L. D. A. (Ribeirão Preto) — Internamente use: extracto fluido de bardana estabilisada 8 grammas, alcool a 90 gráos 24 grammas, xarope de limão 40 grammas, tintura de aniz 2 grammas, agua destillada 26 grammas — tres colheres (das de sopa) por dia. Em applicações hypodermicas, empregue a "Collobiase de Estanho" — de dois em dois dias, uma injecção de 2 centimetros cubicos.

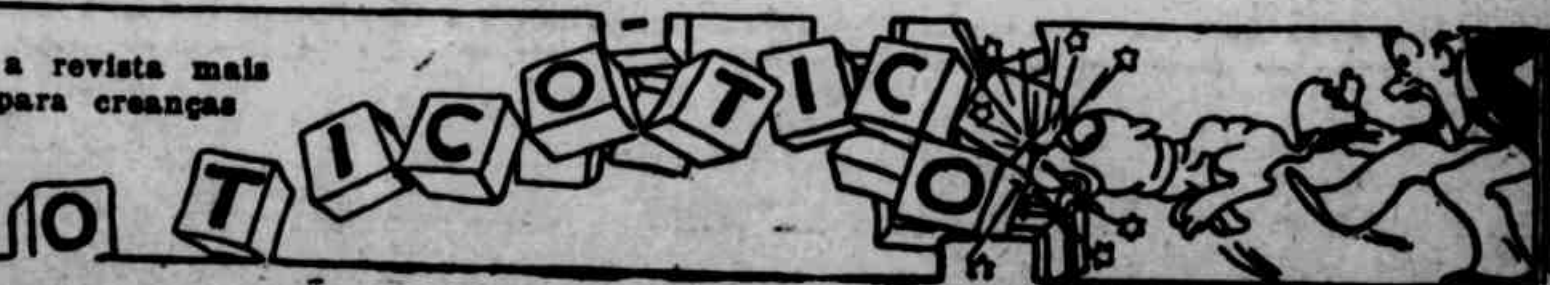
A. B. V. (Rio) — Deve usar "Proveinase Midy" — uma capsula depois de cada refeição principal. Em injecções na região varicosa, use: solução de salicylato de sodio a 20 por cento 1 gramma, agua destillada e esterilisada 5 centimetros cubicos — em uma ampola, vindo 6 iguaes, para fazer 2 injecções por semana.

O. S. P. (São Carlos) — Além do reconstituinte mencionado, use: intracto de valeriana 1 gramma, bromureto de sodio 2 grammas, bromureto de ammonio 2 grammas, hydrolato de louro cereja 5 grammas, xarope de ether 25 grammas, julepo gommoso, feito num infuso de melissa 150 grammas — uma colher (das de sobremesa) de 4 em 4 horas. Deve fazer, por semana, 3 injecções intramusculares, com o "Eusthenyl".

E. M. F. (Antonina) — Internamente use: "Elixir de Virginia Nyrdahl" — 1 colher (das de sobremesa) pela manhã e á noite. Externamente empregue: solução de adrenalina a um por mil 30 gottas, tannino 25 centigrammas, alumen 75 centigrammas, lanolina 15 grammas, vaselina 15 grammas — em uncções na região indicada.

LELIA (São Paulo) — Basta usar: arrhenal 60 centigrammas, gottas amargas de Beaumé 1 gramma, pyro-phosphato de ferro citro-ammoniacal 6 grammas, glycero-phosphato de calcio 12 grammas, extracto fluido de kola 15 grammas, elixir de Garus 30 grammas, vinho de quina 600 grammas — um calice depois de cada refeição principal. Relativamente ao cabello, empregue: acido salicylico 5 grammas, tintura de jaborandy 5 grammas, resorcina 6 grammas, balsamo de Fioravanti 20 grammas, hydrolato de rosas 300 grammas — diariamente, em applicações locaes, friccionando o couro cabelludo.

ZITA (São Paulo) — Use "Fermentose" — 3 capsulas por dia. Externamente lave a região com o "liquido de Dakin" — uma colher (das de chá) num pequeno copo dagua fria e, depois de enxugal-a, applique o aristol.

DR. DURVAL DE BRITO.

Graphologia

AVISO

Temos inutilizado innumeras cartas, umas escriptas em papel pautado, outras não assignadas com o nome legal, e outras finalmente, a lapis.

Fazemos este aviso para que os consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e tratem de enviar outros pedidos regularmente assignados em papel liso. O pseudonymo só é permittido para a resposta.

PEROLA DO ORIENTE (Itú) — Sua letra arredondada é signal de bondade, indulgencia, doçura, temperada de energia quando necessaria e certa reserva em determinadas occasiões. E' tambem um pouco desconfiada e dissimulada quando lhe convem. Espirito fantasista, mas um tanto sceptico. Firme, resoluta, teimosa, ás vezes, não se mostrando arrependida do que tenha feito, embora no intimo o esteja.

Economica, porém amiga do bem estar e das commodidades que o dinheiro proporciona. Senso esthetico, amor ás artes.

MARY (Rio) — Letra desigual, quasi infantil, sensibilidade, actividade, agitação, mobilidade constante, nervosismo, caracter ainda mal definido. Pouca cultura. Bondade, timidez, hesitação, medo, credulidade.

GUARA' (Rio) — Muitos pontos de contacto com a anterior. Bondade mais accentuada, ternura, susceptibilidade, fraqueza. Cultura rudimentar.

PINTINHA (Rio) — Generosidade, orgulho, grandes aspirações, imaginação viva, enthusiasmo, alegria de viver, ambição, esperança, pouco amor á verdade, talvez devido á fertilidade da sua imaginação accrescentando sempre "mais de um ponto" a qualquer conto que conta...

Caprichosa, energica, espirito critico e satyrico. No momento de escrever tinha uma preoccupação qualquer que a fazia distrahida. Um tanto teimosa e contradictoria.

ANCEIO (Rio) — Seu "caso" é um tanto complicado... Vê-se que é uma creatura de caracter forte que passa por uma crise momentanea de fraqueza, de timidez inexplicavel, a não ser pela lassidão de nervos sujeitos durante algum tempo a uma forte e prolongada tensão.

Estranho que diga ser a quinta vez que me escreve, pois não tenho idéa de haver recebido carta sua, e se recebi, com outro pseudonymo, devia ter respondido, como o faço a todas.

Noto na sua letra, além de excessivo nervosismo, quasi hysterismo, bastante cultura, actividade psychica, impulsividade, hyper-esthesia.

No instante de escrever estava com o espirito deprimido, empolgado por intensa emoção, dahi a impaciencia que revela, a ansia que se nota, de palavra a palavra, sempre crescente. Se quer um conselho amigo, como pede, procure um clinico especialista em neurologia que, a par da medicação, lhe receitará tambem... um noivo... Escreva-me depois dizendo se o conselho valeu.

CARLOS ALBERTO (São Paulo) — Os dados enviados e o espaço de que disponho não permittem um estudo minucioso e completo da sua letra, como solicita. Direi, entretanto, ligeiramente que se nota precisão, firmeza, energia, reserva, frieza, polidez, calma, ordem, constancia e exactidão, sem excluir bondade natural, indulgencia e condescendencia para com os erros alheios, sendo, embora, severo para comsigo mesmo.

Na sua assignatura vejo poder de assimilação, sequencia nas idéas, deducção logica e no pequeno traço firme com que a sublinha uma affirmação da sua personalidade com um pouco de orgulho pelo nome da sua familia. Ha, entretanto, um pouco de pessimismo no seu modo de encarar a vida. Aquelle ponto final é um symptoma certo disso. Está satisfeito ?

MARION (Santa Catharina) — Sensibilidade, emotividade, agitação continua, espirito cheio de iniciativa e de enthusiasmo, coragem, ambição, generosidade, coração bondoso. Pouca cultura intellectual, porém intelligencia clara e forte poder de assimilação. Alguma modestia, ás vezes simulada. Firmeza no querer, indo direita ao fim visado. Tenacidade, espirito critico e observador.

GARY (Rio) — Letra um pouco indecisa, demonstrando hesitação, acanhamento, medo, receio, indecisão, mesmo. A's vezes alguns assomos de energia que se dissipam logo deante do natural retrahimento. Distração, alheiamento a tudo.

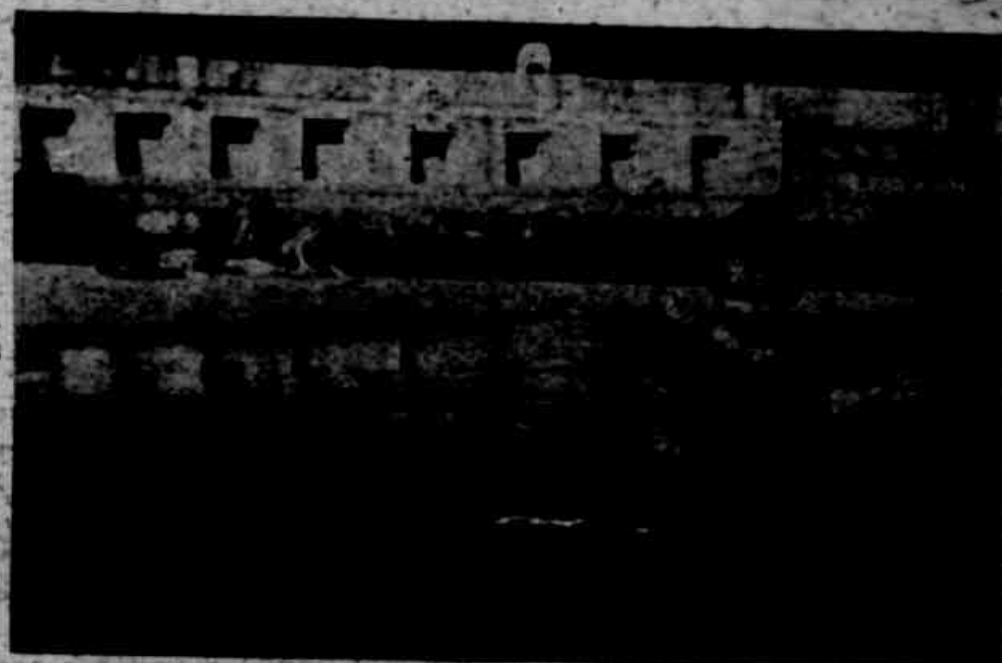
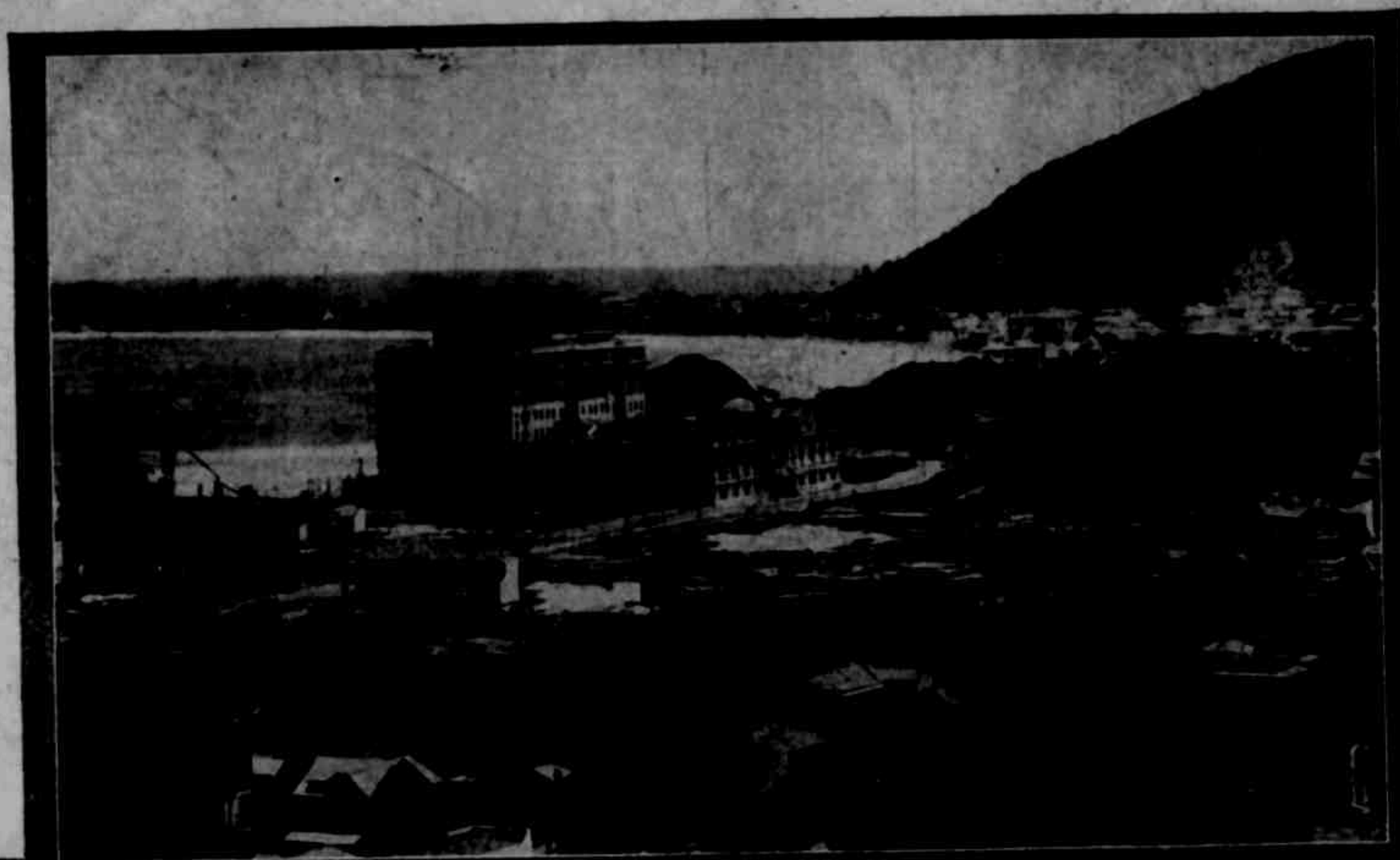
Por que escreveu em papel pautado ? Não leu o aviso no alto da columna da secção ?

GRAPHOLOGO.

Bebe Lima Castro, cantora brasileira, actualmente na Italia.

● ● ●

Senhorita Th. Leal, de Recife.

Miniatura da capa do "O Malho" de hoje.

Maria (10 mezes), filhinha de Carlos Paula Barros.

COPACABANA CRESCE...

A SÉDE DO BOTAFOGO

UM FLAGRANTE DO VELHO RIO DE JANEIRO

DETALHE DO CHAFARIZ DA PRAÇA DA REPUBLICA

Officinas Graphicas d' "O MALHO"